Caríssima Ana

Nesta parte da viagem que empreendo acabei por tê-la, de forma breve, como companheira. Não foi fácil, para mim, ter companheiros tão próximos com quem podia discutir, mostrar, maravilhar-me com as paisagens vistas. Nessa viagem alguns passageiros fazem segredo de suas intenções.

Porém, devo dizer-lhe que muitos, de maneira inesperada, me mostraram aspectos não registrados pela retina. Continuando o percurso, escrevo para dizer que entre as muitas dívidas contraídas, por esta viajante, tenho uma com você.

Infelizmente ou felizmente não posso pagar-lhe com dinheiro. Não o teria suficiente e porque, penso, ainda possuindo toda fortuna do mundo não poderia pagar-lhe. Como se paga o companheirismo surgindo quando mais precisamos sem que sequer tenhamos clamado por ele? Não sei. Acho que não tem forma de pagamento. Quem sabe não esteja nas cartas, nas nossas lembranças, a maneira mais sutil e gentil de dizer ao outro da sua importância em determinado momento?

Adir

****

CAPÍTULO II - O SERVIÇO DE ORTOFRENIA E HIGIENE MENTAL NO RIO DE JANEIRO DE 1930

"Mas então, ousei comentar,
estais ainda longe da solução...
- Estou pertíssimo, disse Guillaume,
mas não sei de qual.
- Então não tendes uma única resposta
para vossas perguntas?
- Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris.
- Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?
- Nunca, disse Guillaume,
mas são muito seguros de seus erros"
(Umberto Eco – O Nome da Rosa)

2.1- Um Serviço no meio do vendaval das esperanças

Anísio Teixeira e seus contemporâneos concebem sua inscrição no espaço urbano do Distrito Federal sob a lente do avanço civilizador. O "avanço civilizador", dentro da representação circulante no período, tem como sentido tirar o país do que era considerado "obscurantismo"; "crenças irracionais".

Eram recorrentes os debates na compreensão do país "mestiço" – conceituação no mínimo ambígua - em torno da qual coexistiam e, muitas vezes, se confrontavam concepções de cunho "pessimistas ou otimistas em relação ao futuro do país", balizadas pelas mesmas características "mestiças". O conceito de cultura está presente permanentemente, carregado das diferentes compreensões que o impregnam.

Dentre os que pensavam o Brasil, temos Gilberto Freyre que na trajetória de sua obra "*vai narrando é a saga de uma sociedade que vai assumir o traje do homem branco; o falar do homem mestiço e o saber fazer de quase tudo como resultante da mistura e da aquisição de gestos culturais perpetuados gerações a fio em receitas, em grosserias, em afagos, em funerais e em festas*" (FREITAS, 2008, p.97).

Arthur Ramos está entre os homens e mulheres que pensavam o país. Ao vir para o Rio de Janeiro não se torna sócio da Associação Brasileira de Educação (ABE), lugar onde se reuniam educadores e outros profissionais buscando intervir politicamente nos rumos da educação.

Todavia, isto não o impossibilita de escreve o texto "Conceito Antropológico de Cultura", publicado na Revista Educação da ABE, nº 22, de outubro de 1948, onde aborda os diversos significados que, para ele, encharcam o conceito. É a escrita de um intelectual na sua maturidade, tendo suas reflexões teóricas passado por inflexões e deslocamentos.

> O termo "cultura" já vem de longa data, mas seus significados assumiram valores diferentes de acordo com a posição dos que o empregavam. [...]. Por outro lado, os preconceitos historicidas deram às nações ou estados que elevaram a cultura dos seus cidadãos a um grau de esplendor, o epíteto de nações "civilizadas".[...]. Os enciclopedistas fizeram da "civilização" a antítese do feudalismo e esse etnocentrismo ou culturocentrismo foi o responsável pelos significados especiais que teve a expressão "civilização", como exprimindo as formas especiais da cultura no mundo ocidental. Civilisation para os franceses como Kultur, para os alemães, assinalavam uma forma de sociedade contrária a "barbárie" dos povos selvagens ou "naturais". [...]. Este conceito de "civilização" foi a conseqüência da europeização ou ocidentalização do mundo, quando o eixo de referência dos valores humanos e sociais se transplantou para as nações típicas da Europa. (p.3)

Ramos faz parte do grupo expressivo de intelectuais do nordeste brasileiro que, nas décadas de 1920 e 1930, transferem-se[1] para a capital da República, apresentando-se como novos personagens. Muitos deles ainda não haviam adquirido prestígio de forma potente, mas se empenham em pôr em prática[2] os ideais que pregam. São "os forasteiros construtores da modernidade" [3].

Antes de Anísio Teixeira - um baiano -, dois intelectuais envolvidos com o campo da educação e reformas educacionais haviam sentado na cadeira de Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal: Antonio Carneiro Leão e Fernando de Azevedo, respectivamente.

Destes, Fernando Azevedo produz em torno de si a simbologia do "intelectual completo". Mudou-se para São Paulo em 1917. Professor de Latim e Literatura da Escola Normal da capital paulista, vai dedicar-se à crítica literária escrevendo para o jornal "Correio da Manhã", e depois no "O Estado de São Paulo".

Neste último, levanta o grande inquérito sobre a instrução pública, objetivando, também, a necessidade da criação da Universidade de São Paulo (1926). O Inquérito,

publicado em volume (1937), incorporou-se às obras completas do intelectual sob o título "A Educação na Encruzilhada".

> Foi fundador, organizador e diretor de duas importantes iniciativas editoriais: a Biblioteca Pedagógica Brasileira (B.P.B) e a Coleção Brasiliana, ambas lançadas em 1931. Durante a gestão de Fernando Azevedo (até 1956) a Brasiliana publicou 280 volumes, obras de autores brasileiros e estrangeiros, inéditas ou complementares esgotadas (MOREIRA, 1986, p.103-4).

Ironicamente o inquérito educacional, ultrapassando as fronteiras paulistas e aumentando a projeção social de Fernando Azevedo, teve a dúvida do mesmo para sua realização. Com a execução, iniciam-se mais fortemente seus esforços por compreender os problemas da educação Brasileira. Maria Luisa O. P. Moreira cita Julio de Mesquita Filho e as observações feitas em seu livro "Política e Cultura".

> Mas o que ilustra de modo significativo a pobreza do meio de então em matéria cultural é o fato de que tivemos as maiores dificuldades para encontrar os elementos necessários a levar a cabo aquele trabalho jornalístico, pois o próprio Fernando Azevedo, a quem cometemos a delicada missão de realizar as consultas, não se considerava em condições de desempenhar-se dela, e, por isso, pelo fato de, até aquela data, se ter dedicado a outros estudos. Foi no decorrer do inquérito que, deixando-se empolgar pelo problema, resolveu dedicar-se inteiramente ao assunto em que mais tarde se revelaria um mestre. (MESQUITA in MOREIRA, 1986, p.126)

Marta Chagas de Carvalho (2005) analisa a construção interpretativa realizada por Fernando de Azevedo, na obra monumental "A Cultura Brasileira", sobre o grupo renovador do qual foi um dos expoentes[4], representado por ele como "megapersonagem". Segundo a autora, Azevedo apresenta esse grupo como detentor da tarefa de unificação nacional, estabelecendo uma comparação, carregada de simbolismo, com outros agentes educativos que, aos olhos daquele educador, haviam assumido grande importância na constituição das bases históricas da educação brasileira.

Clarice Nunes, sobre o período azevediano na Capital do país citando a aprovação da Lei de Ensino que concentrava o poder de decisão na figura do Diretor de Instrução Pública, possibilitando duas medidas de base para reformar a educação da

capital – a estruturação da carreira de magistério, tendo como base o concurso público; a proibição de adaptar residências particulares em prédios escolares – sinaliza as lutas de poder que ocorriam no espaço da cidade política.

> A Lei de Ensino, aprovada em 1928, após tumultuada trajetória na Câmara de Vereadores, liderados por Fernando de Azevedo, Diretor de Instrução Pública nesse momento, simbolizava a vitória de uma postura: a do grupo de técnicos paulistas que, apesar da aliança com técnicos cariocas, era ostensivamente criticada pelos jornais da cidade. O episódio mais rumoroso dessa crítica foi, sem dúvida, a realização do recenseamento escolar, considerado desnecessário em face do recenseamento geral de 1920 (NUNES, 1996, p.184).

A crítica ao recenseamento ultrapassou a barreira do "desnecessário". Bulhões de Carvalho, do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio, não poupa críticas a vários aspectos do censo escolar realizado.

Nos dois primeiros parágrafos do Relatório, elaborado pela Directoria de Estatística do Ministério, deixa clara a insatisfação com o censo escolar e sua discordância. Estrategicamente destaca a metodologia usada no censo de 1920, ressaltando que *"os resultados obtidos excederam a toda expectativa, acceitando-se os algarismos divulgados como a representação fiel da verdade"*.

Sinalizando as dificuldades das operações demográficas, adverte sobre os "cuidados" os quais requer a tarefa para que seja considerada digna de ter crédito. Enumera um conjunto de intelectuais participantes da comissão de acompanhamento e fiscalização das estimativas para 1926, incluindo representantes do magistério, em ação que poderíamos chamar "legitimidade ilustre".

Na continuidade da argumentação remete a realização de outros recenseamentos (1890 e 1900) que davam competência inatacável ao responsável pelos trabalhos de apuração de 1920 (Sr. Leopoldo Doyle), pois Doyle havia tido a mesma atribuição nos recenseamentos agrícola e industrial de 1890 e 1900.

Recupera os motivos para, naqueles momentos, não ser dado igual tratamento ao censo demográfico já que, como consta no Relatório de Bulhões de Carvalho, o cadastro nominal dos habitantes do Brasil era "inútil" e qualquer procedimento nesse sentido contrariaria a Lei de nove de janeiro de 1920, particularmente seu art. 32, quanto às

informações coletadas, pois "*só serviriam para fins estatísticos, não sendo feita nenhuma publicação que as individualizasse ou permitisse a sua identificação*".

Ressalta que os dados do Censo demográfico relacionado ao Distrito Federal (Cidade do Rio de Janeiro) estão plenamente de acordo com a Inspectoria demographo-sanitária de Saúde Pública.

entrega do material censitario, realizou a secção de cartographia da Directoria de Estatistica um novo confronto dos boletins demographicos com os predios constantes da carta censitaria, e sómente depois de outra revisão na secção competente, foram os mesmos boletins apurados mediante a observancia de instrucções especialmente elaboradas para a contagem mecanica, nos apparelhos *Hollerith*, das informações numericas colligidas no inquerito censitario Nenhuma majoração dos algarismos foi feita pelo chefe que dirigiu os trabalhos de apuração, o Sr LEOPOLDO DOYLE, profissional competentissimo, de probidade inatacavel e com a experiencia adquirida em identico serviço, realizado anteriormente nos recenseamentos de 1890 e 1900

Logo depois de haver divulgado os algarismos referentes aos recenseamentos agricola e industrial, tornou publicos a Directoria Geral de Estatistica os cadastros nominaes dos proprietarios das 648 153 fazendas e 13 336 fabricas recenseadas, identificando taes estabelecimentos com os respectivos donos ou gerentes Não fez o mesmo em relação ao censo demographico, porque, além de inutil o cadastro nominal dos habitantes do Brazil como base de um futuro inquerito, era isso contrario ao espirito da lei de 9 de Janeiro de 1920, que auctorisa o governo a mandar proceder no dia 1º de Setembro o recenseamento geral da população do Brazil, declarando no art 32 que as informações collectadas em observancia ás disposições legaes, "só serviriam para fins estatisticos, não sendo feita nenhuma publicação que as individualizasse ou permittisse a sua identificação".

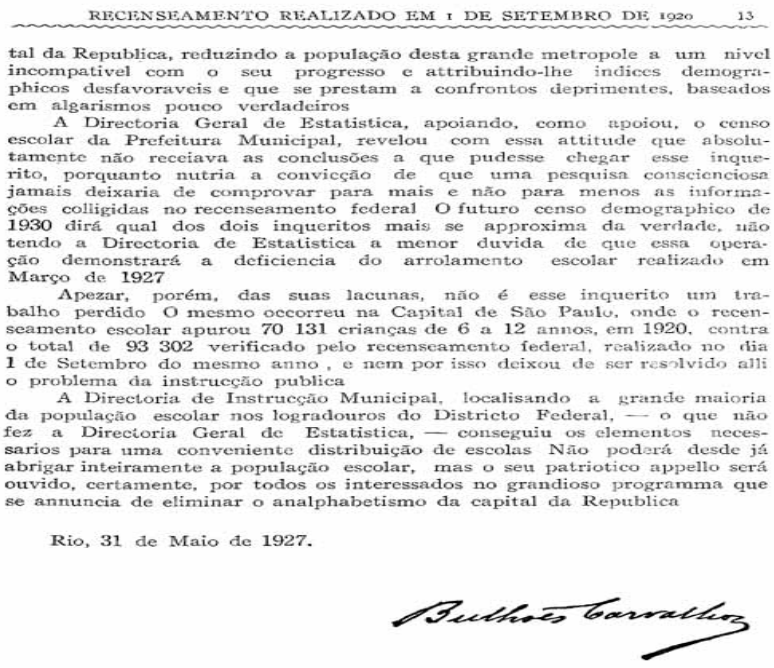
Os trabalhos preliminares do recenseamento de 1920 foram iniciados com a devida antecedencia, concomitantemente com a mais intensa propaganda, por todos os meios praticos e persuasorios, no sentido de favorecer o exito do inquerito. Foi tambem objecto de estudo a data em que se devia realizar o arrolamento da população do Brazil, justificando-se a preferencia dada ao mez de Setembro, por serem nessa época mais favoraveis as condições climatericas na maior parte dos Estados e achar-se igualmente em condições mais estaveis a população das varias capitaes, principalmente no Districto Federal O algarismo encontrado para a população do Districto Federal, no anno de 1920, isto é, o total 1 157 873 habitantes, teve inteira sancção publica, assim como os applausos das auctoridades no assumpto. Si houve criticas aos resultados alcançados, essas, em reduzidissimo numero, foram sempre no sentido de considerar deficientes os algarismos apresentados, conforme tambem occorreu em relação aos resultados de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, de Recife, em Pernambuco, e de São Salvador, na Bahia , em nenhum caso, porém, foram acoimados de exaggero os numeros apresentados pela Directoria Geral de Estatistica

Tomando por base o numero de habitantes recenseados no anno de 1920 e levando em conta o crescimento annual geometrico entre os censos de 1906 e 1920, a população do Districto Federal devia attingir a 31 de Dezembro de 1926 o total de 1 360 586 habitantes A Inspectoria demographo-sanitaria da Saude Publica calcula a mesma população , pela formula de BLOCK, em 1.650 990 habitantes

Todos os indices demographicos confirmam os resultados obtidos na cidade do Rio de Janeiro em 1920. Os coefficientes de natalidade e mortali-

Ainda que o nome do Diretor de Instrução Pública de então - Fernando Azevedo - não seja diretamente citado em nenhuma parte do relatório, há ironias finas (a casa do Diretor não foi recenseada), críticas contundentes ao método, afirmação da necessidade do relatório como resposta à Diretoria de Instrução Pública por esta ter recusado oferecimento de apoio ao Censo Escolar e tornado público que o Censo feito pela Diretoria Geral de Estatística havia majorado os resultados e, dessa maneira, justificar como mais fidedigno o trabalho da Diretoria de Instrução Pública.

O término do Relatório de Bulhões de Carvalho contém um "elogio ao erro" e quase uma antevisão sobre a situação da escolaridade no Distrito Federal. O "elogio ao erro" faz referência ao Censo de São Paulo, feito por Fernando Azevedo em 1926,



RECENSEAMENTO REALIZADO EM 1 DE SETEMBRO DE 1920 13

tal da Republica, reduzindo a população desta grande metropole a um nivel incompativel com o seu progresso e attribuindo-lhe indices demographicos desfavoraveis e que se prestam a confrontos deprimentes, baseados em algarismos pouco verdadeiros

A Directoria Geral de Estatistica, apoiando, como apoiou, o censo escolar da Prefeitura Municipal, revelou com essa attitude que absolutamente não receiava as conclusões a que pudesse chegar esse inquerito, porquanto nutria a convicção de que uma pesquisa conscienciosa jamais deixaria de comprovar para mais e não para menos as informações colligidas no recenseamento federal O futuro censo demographico de 1930 dirá qual dos dois inqueritos mais se approxima da verdade, não tendo a Directoria de Estatistica a menor duvida de que essa operação demonstrará a deficiencia do arrolamento escolar realizado em Março de 1927

Apezar, porém, das suas lacunas, não é esse inquerito um trabalho perdido O mesmo occorreu na Capital de São Paulo, onde o recenseamento escolar apurou 70 131 crianças de 6 a 12 annos, em 1920, contra o total de 93 302 verificado pelo recenseamento federal, realizado no dia 1 de Setembro do mesmo anno, e nem por isso deixou de ser resolvido alli o problema da instrucção publica

A Directoria de Instrucção Municipal, localisando a grande maioria da população escolar nos logradouros do Districto Federal, — o que não fez a Directoria Geral de Estatistica, — conseguiu os elementos necessarios para uma conveniente distribuição de escolas Não poderá desde já abrigar inteiramente a população escolar, mas o seu patriotico appello será ouvido, certamente, por todos os interessados no grandioso programma que se annuncia de eliminar o analphabetismo da capital da Republica

Rio, 31 de Maio de 1927.

Bulhões Carvalho

citando que havendo diferença de cerca de 20.000 escolarizáveis para baixo no referido censo, a questão educacional de São Paulo não deixou de ser resolvida. A antevisão está no último parágrafo ao dizer que a Diretoria de Instrução Pública não terá condições de abrigar toda a população escolar, mas..."*seu patriótico apello será ouvido, certamente por todos os interessados no grandioso programa de eliminar o analphabetismo da capital da República.*

Mas, se há críticas vindas de Bulhões de Carvalho, há elogios intensos vindos da Associação Brasileira de Educação (ABE). Na Ata da 22ª Sessão do Conselho Director, realizada no Dispensário Azevedo Lima, Av. Almirante Barbosa, 54, em 22 de abril de 1927, o Conselho Diretor aprova (com aplausos) ofício a ser encaminhado ao Sr.

Fernando Azevedo sobre o inquérito escolar que este organiza no Rio de Janeiro como Director de Instrução[5].

Paschoal Leme[6] em suas "Memórias" [7] pondera que se o reconhecimento do ilustre Fernando Azevedo, para ocupar o cargo de Director de Instrução Pública do Distrito Federal, havia "sido aceito com restrições"; o que poderia esperar Anísio Teixeira que o substitui em pleno período de grandes crises políticas tendo a capital do país como cenário privilegiado?

O que faz Anísio Teixeira diante do cenário da Capital?

Para a tarefa de fazer da educação brasileira ferramenta de democratização social, de modernização e progresso para o país, Anísio estrategicamente cercou-se de intelectuais de renome, muitos deles ligados a Associação Brasileira de Educação (ABE) [8].

Entre estes, alguns haviam conduzido Reformas de Instrução Pública em diferentes estados[9], com maior ou menor visibilidade.

Figuras como Lourenço Filho, Antonio Carneiro Leão, Afrânio Peixoto, Cecília Meirelles, Edgar Süssekind de Mendonça, Paschoal Leme, Roquette Pinto, oriundos de diversas áreas e detentores de múltiplas trajetórias, compuseram, ao lado de outros intelectuais, um formidável conjunto, debatendo a reforma proposta a luz de suas diversas formações, concepções sociais e políticas.

A compreensão desse aspecto multifacetado como marca de trajetórias, ações e produções desses homens e mulheres envolvidos no cenário educacional do Rio de Janeiro, no período focalizado, reforça a visão na historiografia da educação da impropriedade de se pensar o chamado movimento da Escola Nova como um grupo monolítico em suas concepções.

O projeto de constituir a vida escolar em novas bases apoiava-se na crença de que, através de mudanças profundas no espaço escolar, estas alcançariam o conjunto da sociedade.

Ressaltava-se, assim, o papel da escola, vista e sentida como "salvadora", "reformadora", "condutora", "produtora" de novas maneiras de pensar, sentir e viver a vida tanto na esfera do núcleo familiar, como na esfera da sociedade em geral. Nas palavras de Paschoal Leme (2004):

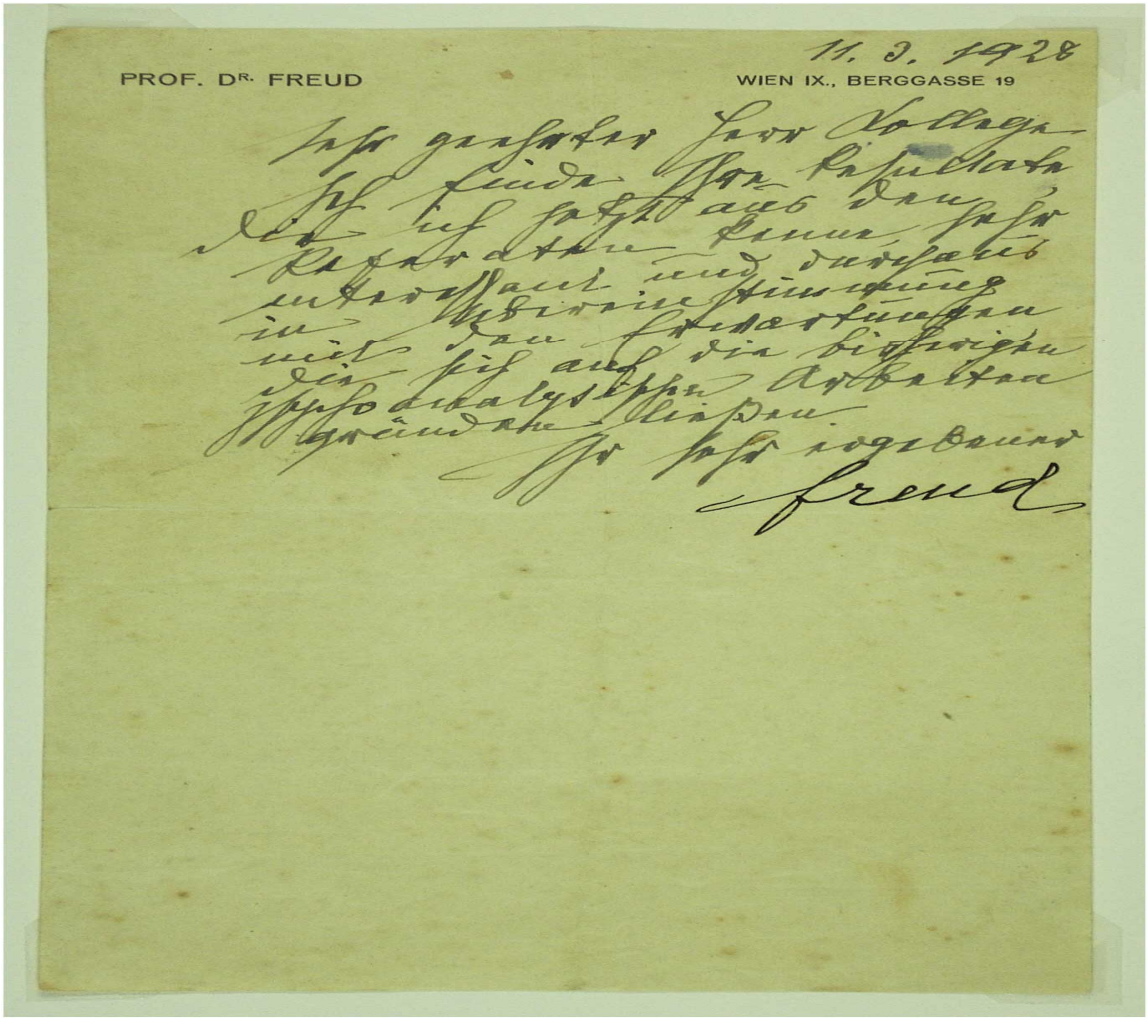
> Sem qualquer exagero, pode-se afirmar que, naquele 15 de outubro de 1931, ia iniciar-se no Rio de Janeiro, a mais criativa, corajosa e também controvertida administração de ensino como jamais se verificara no País. E isso se deu, não somente em razão das qualidades pessoais, de temperamento e de formação cultural e técnica do novo diretor, como também pelo conturbado momento histórico vivido pelo País e pelo mundo, no período em que se desenvolveram as atividades de Anísio Teixeira no Distrito Federal.
> É certo que as duas administrações anteriores, a de Carneiro Leão (1923-1926) e, especialmente, a de Fernando de Azevedo (1927-1930), que introduziu radicais transformações na estrutura da administração e na organização e na orientação do ensino na capital da República, facilitaram extraordinariamente a ação de Anísio Teixeira. Suas iniciativas se tiveram caráter de ampliação e consolidação do legado que recebeu de seus dois ilustres antecessores, apresentaram de outro lado, características muito peculiares de originalidade na consecução dos objetivos visados, o que deveria provocar, como de fato aconteceu, oposições radicais, mas também dedicações de elementos da melhor qualidade do magistério carioca. (p.107)

Com tantas figuras mais ou menos ilustres a sua volta, como Anísio Teixeira e Arthur Ramos se aproximaram? A relação entre Anísio Teixeira e Arthur Ramos começa antes da entrada do segundo ao conjunto de intelectuais atuando diretamente na Diretoria de Instrução Pública do DF. Ramos estudava Medicina, na Bahia, no período de Anísio Teixeira como Diretor do Departamento de Educação do Estado (1925-1929) e, como seus colegas, admirava o educador baiano.

Outro fato importante foi a grande aproximação de Ramos com Afrânio Peixoto[10] o qual, entre outros cargos, havia sido diretor da Instrução Pública do Distrito Federal em 1916. Em 1931 Anísio Teixeira envia em papel oficial da "Directoria de Instrução Pública" a carta abaixo, datilografada.

> *Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1931*[11]
> *Meu caro Arthur Ramos,*
>
> *Não é esta a minha resposta definitiva. Apenas o agradecimento pela grande gentileza de me enviar o volume que acaba de publicar com os seus estudos.*
> *Desejo lê-lo, para meu proveito e prazer, a fim de poder felicitá-lo pela obra cientifica que vai realizando, com tanta capacidade e sacrifício, na nossa Bahia.*
> *Fiz entrega, ao Isaias Alves, do volume que lhe endereçou.*
> *Renovando os meus agradecimentos, peço para não me esquecer com as suas ordens e lembranças.*
> *O amigo grato e admirador*
> *Anísio Teixeira*

Constitui-se um "modo de agir" próprio de Arthur Ramos (não somente dele) enviar seus livros, como maneira de fazê-los circular e também aumentar seu "leque" de conhecimentos e tornar-se conhecido, às figuras de renome. Entre seus envios mais expressivos está o envio de sua Tese de Doutorado – Primitivo e Loucura – para o Dr. Sigmund Freud de quem recebe a resposta abaixo[12]. No cartão a Arthur Ramos, o Dr. Freud agradece a remessa da tese e desculpa-se por não dominar a língua portuguesa.


PROF. DR. FREUD

WIEN IX., BERGGASSE 19

11. 3. 1928

Freud

Chegando ao Rio de Janeiro, Ramos, mantém relações constantes com "velhos conhecidos" e com "novos personagens".

Assume o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, Secção do Instituto de Pesquisas Educacionais da Diretoria de Instrução Pública da Capital da República sendo seu primeiro e único chefe, conforme o Ato de Posse[13] de 1934.

Nomeação de Arthur Ramos para o cargo de chefia da Secção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal.
RJ, 17 de janeiro de 1934

Contém assinatura do Interventor Federal (ilegível)
O Interventor Federal no Distrito Federal

Resolve nomear o Dr. Arthur Ramos – para o cargo de Chefe da Secção Técnica de Ortofrenia e H.M. do Departamento de Educação.
DF, 17 de janeiro de 1934

Assinatura ininteligível

Fica revalidado o ato acima, bem como de Dr.Arthur Ramos para Dr. Arthur Ramos de Araújo Pereira, fica retificado o nome do serventuário a que se refere o presente título.
DF, 28 de fevereiro de 1934.

assinatura do Interventor ininteligível

Cumpra-se e registre-se
Em 10 de março de 1934
Anísio Teixeira

Registrado na folha 210 do livro competente
Em 17 de março de 1934
Lazilda de Siqueira Queiroz

Por sua vez, o Instituto de Pesquisas Educacionais organiza-se a partir de uma reestruturação da então Diretoria Geral de Instrução Pública, transformada em Departamento de Educação, a partir de fevereiro de 1932[14]. O Instituto de Pesquisas Educacionais[15] (IPE), chefiado por Antonio Carneiro Leão, à época da nomeação de Ramos, era constituído por duas Divisões e estas, por Seções:

a) Divisão de Pesquisas Educacionais;

b) Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística.

A Divisão de Pesquisas Educacionais englobava cinco Secções:

a) Seção de Programas e Atividades Extraclasse;

b) Secção de Medidas e Eficiência Escolares;

d) Seção de Museus e Radiodifusão;

e) Seção de Ortofrenia e Higiene Mental;

f) Seção de Antropometria.

A Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística organizava-se em duas Seções:

a) Seção de Recenseamento, Matrícula e Freqüência;

b) Seção de Estatística Escolar.

Anísio chamava para si a tarefa de orquestração da ação reformadora, e procura reorganizar o cotidiano escolar através de mecanismos os quais permitiriam maior visibilidade da realidade vivida pela rede de escolas e, também, maior controle de suas práticas administrativas e pedagógicas; permitindo-lhe introduzir novas práticas educacionais, mobilizadoras das esperadas transformações que superariam o modelo educacional tradicional e livresco, como dizia o próprio Anísio.

Na reestruturação da Diretoria as diferentes Divisões e Seções situavam suas ações na mesma direção: o estabelecimento da administração do setor educacional do Distrito Federal em bases técnicas e científicas; ainda que no próprio movimento cotidiano das diversas Divisões e Seções as bases técnicas e as concepções científicas fossem, muitas vezes, antagônicas[16].

À Seção de Ortofrenia e Higiene Mental cabia uma ação da maior importância nesse quadro, voltada para o estabelecimento de um conhecimento minucioso sobre o alunado da cidade e de uma intervenção em bases científicas de apoio ao trabalho escolar junto às crianças, suas famílias e os lugares onde moravam. Possuía, entre seus objetivos, a formação de hábitos e comportamentos saudáveis e sociáveis nos escolares, de modo a serem produzidas condições favoráveis à aprendizagem e ao convívio social destes sujeitos.

Arthur Ramos é, de fato, o idealizador da Secção que viria a chefiar, a partir de 17 de janeiro de 1934. O ato de posse é assinado por Anísio Teixeira em data de 10 de março de 1934, e o fato de Ramos ter pronto em final de março de 1934 um documento estabelecendo as Bases do Serviço nos faz acreditar no quanto o intelectual alagoano tinha como certa sua nomeação.

Na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (BN) encontram-se dois exemplares do documento intitulado "A Higiene Mental nas Escolas – Esquema de Organização"[17] com 19 páginas, impresso na Oficina Gráfica do Departamento de Educação, e uma cópia manuscrita por Arthur Ramos, datada de março de 1934, incluindo fichas para serem preenchidas nas "escolas experimentais". Um trabalho de

tal vulto não parece ter sido escrito no mesmo mês do início formal de sua atuação frente ao Serviço.

A quem eram dirigidas? As orientações, ao final do documento, apontam não para os profissionais de todas as escolas, mas para os profissionais das seis escolas escolhidas para iniciar o trabalho, diretamente envolvidas com o Curso de Caracterologia Escolar.

> A ficha presente, que está sendo aplicada nas Escolas Experimentais do Departamento de Educação, ainda não é a ficha ortofrênica a ser usada pelo Serviço. Ela é um experimento prévio, visando o exame geral compulsório, (grifo nosso) da população escolar das escolas experimentais, com o fim de serem joeirados os alunos-problemas, de ordem psicológica. Estes serão examinados diretamente, na Clínica de Ortofrenia a ser instalada nos Instituto de Pesquisas Educacionais (Secção de Ortofrenia e Higiene Mental).
> A ficha atual é manejada nas próprias escolas por pessoal habilitado, dentre as educadoras que freqüentaram as aulas do curso de Caracterologia escolar, realizado pelo chefe do Serviço. Os dados consignados nos itens F, G, H e I, aí estão de um modo geral e serão levados em maior conta na ficha ulterior da Clinica de Ortofrenia. Esta ultima implica colheita de elementos especializados, requerendo um preparo técnico demorado, o que não poderia ser conseguido num exame escolar. No entanto, esse registro prévio de dados, o qual exige uma intuição especial da educadora, é indispensável para a observação ulterior, mais aprofundada do aluno-problema, realizada na Clinica Central de Ortofrenia (RAMOS, 1934, p. 16).

O encaminhamento das orientações representa, pelo menos, dois veios contraditórios ao discurso corrente onde a perspectiva "democrática" era permanentemente repetida, atravessando as ações do período: o veio do dirigismo, o veio hierárquico.

Dirigismo ao caracterizar a ficha como não definitiva, mas que tem como horizonte o *"exame geral compulsório*" e serem direcionadas *"ao pessoal habilitado"* que são as educadoras que freqüentam o Curso de Caracterologia (ainda que amenize ao final ao mencionar a necessidade da *"intuição especial da educadora"*).

Hierarquia ao relacionar à continuidade do trabalho, a partir das observações feitas nas escolas, aos técnicos por ser necessário preparo especializado. Esta fase será continuada na própria Clinica Central de Ortofrenia, onde seus técnicos farão análise, mais aprofundada, da criança considerada problema.

Ações que caracterizam o dirigismo, tanto em formas veladas ou explícitas, são típicas daqueles que procuram organizar a população em geral e, especialmente, os considerados "carentes"[18] de cultura mais ampla, tendo como substrato às suas concepções a necessidade de "civilizar" os "incivilizados", criar "hábitos sociais" para "ajustar" à sociedade os "desajustados".

Em carta, datada de 15 de agosto de 1930, de Frota Pessoa a Lourenço Filho, elogiando o livro escrito pelo segundo – "Introdução ao Estudo da Escola Nova"- Frota dá sua opinião sobre o caráter autoritário de Fernando Azevedo.

> .... Você Lourenço, é um dos poucos homens talhados, nesta ocasião, para dirigir o departamento da educação no Distrito Federal, ou para ser Ministro da Educação Nacional, mas com o Fernando Azevedo como Prefeito, ou como Presidente da República (não seria preciso fazê-lo ditador como ele mais gostaria).
> Vocês dois se completam, mas não se poderiam substituir reciprocamente. Para uma grande reforma nacional de educação (ou de qualquer outro gênero), o Fernando de Azevedo é o homem oportuno, ajustado e talvez único. Moldado em aço, mas, aqui e ali, com felizes falhas na têmpera, obstinado e explosivo, intrinsecamente probo em atos e intenções, ardendo em uma chama perene de idealismo, sentimental e duro ao mesmo tempo, abstrato e dispersivo in modo, objetivo, retilíneo e fulminante in re, ele possui as virtudes clássicas e também as heterodoxas (a que chamamos defeitos), indispensáveis a um criador de realidades cósmicas, harmoniosas e fecundas. Poucos o amam, muitos o detestam, e quase todos o temem. E entre os que lhe querem e o admiram, não sei quantos, como eu, o compreenderão e aceitarão integralmente.
> (FROTA, IN MOREIRA, 1986, p. 215-6)

Clarice Nunes no livro "Anísio Teixeira: A Poesia em Ação" (2000) sinaliza as críticas ao "reformismo esclarecido" e autoritarismo de Anísio Teixeira. As indicações de Arthur Ramos, para prevenir ou resolver os problemas das crianças, não deixam de ser "exemplo" de "autoritarismo cheio de esclarecimento".

O "autoritarismo esclarecido" significa um modo de agir de sujeitos ocupantes dos lugares de poder - sejam monarcas, políticos, intelectuais - reconhecidos como possuidores de reconhecido conhecimento, o qual justificaria ações de cunho autoritário. Geralmente o "autoritarismo esclarecido" é exercido de forma "branda". Os intelectuais de 1930, fazem parte da geração cheia de certezas e convictos das suas ideias, cuja prática pode ser representada como quem fica entre "pisar no acelerador ou no freio", e, por via das dúvidas, mantém cada pé em um pedal.

As primeiras orientações feitas pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, na pessoa de seu chefe, têm como suporte um livreto com cinco partes formando as bases do Serviço e serão retomadas, cinco anos depois, ao ser lançada a 1ª edição do livro "A Criança Problema". No livro são apresentados os resultados obtidos pelo Serviço, o que estava sendo esperado se, porventura, seu chefe não tivesse sido exonerado da Prefeitura do Distrito Federal.

Chartier (2009) ao pensar a cultura impressa destaca que

> na cultura impressa, uma percepção imediata associa um tipo de objeto, uma classe de textos e usos particulares. A ordem do discurso é assim estabelecida a partir da materialidade própria de seus suportes: a carta, o jornal, a revista, o livro, o arquivo, etc. (p.109).

As cinco partes do livreto "A Higiene Mental nas Escolas – Esquema de Organização" têm organização a partir de um eixo geral: A Higiene Mental nas Escolas e suas bases Teóricas:

I - A Higiene Mental e as "novas" escolas psicológicas
II **–** O conceito de normalidade
III – A Higiene Mental preventiva: a criança pré-escolar
IV – Os "maus hábitos" e o behavior parental
V - A criança e a escola: a orientação ortofrênica
VI - Programa de Ação – Síntese

O protocolo de escrita de Arthur Ramos (1934) no pequeno livro apresenta-o na forma de "manual didático", seguindo a característica do intelectual de mostrar erudição ao sustentar suas argumentações, baseando-se nas teorias consideradas mais avançadas. Mudando o eixo de análise da criança do conceito de "anormal" para "normal", confronta outras idéias circulantes e fortes no campo educacional.

Traça síntese do Programa de Ação para alcançar os objetivos propostos, defendendo o aspecto preventivo que, para ele, a "nova" concepção de Higiene Mental sustentaria.

a) a relação entre os "maus hábitos" sociais e o sistema de parentesco;

b) a relação da criança com a escola e o papel desta na "orientação" das ações preconizadas pelo Serviço.

Na primeira parte – A higiene mental e as "novas" escolas psicológicas – Ramos valoriza o Serviço criado afirmando que o mesmo *"veio ao encontro de uma necessidade premente, já plenamente reconhecida pelos países que estão na vanguarda do movimento educacional"*.

O que enuncia as palavras usadas por Ramos (1934) no primeiro documento oficial do SOHM? A enunciação está no uso do argumento antropológico usado por Boas, ainda que Ramos não o cite.

> "A inteligência como "energia psíquica" terá que ser avaliada não só em quantidade, mas em qualidade. [...] Isso torna a apreciação da inteligência do escolar mais científica do que com a aplicação esquemática dos simples testes. [...] O erro destes psicólogos é o velho erro do paralelismo psicofísico. (p.2)

Mas, é na segunda parte – O conceito de "normalidade" -, apoiando-se na Conferência apresentada por Anísio Teixeira, no Congresso de Proteção à Infância, e a crítica do educador ao conceito de "anormal", onde Ramos marca sua posição quanto ao deslocamento de criança "anormal" para criança "normal", colocando o eixo de investigação nas relações sociais e não na individualidade em si.

Quanto a Higiene Mental preventiva: a criança pré-escolar, Ramos deixa claro que o trabalho em sua plenitude deveria alcançar a criança ainda no útero materno e não deixa de ser cientificamente avançado, para a época em que escreveu, anunciar tão claramente a necessidade de "exame pré-nupcial", "assistência as gestantes".

As argumentações trazem um conjunto de preocupações com o repertório da época: heranças biológicas, heranças mentais dos pais; ao mesmo tempo traz sua leitura da psicologia de Otto Rank[19] sobre o trauma do nascimento.

No livro "A Criança Problema", cuja base está no primeiro livreto do SOHM, ao passar pelo exame médico, em muitas das fichas, é diagnosticada "lues congênita" – sífilis -; que, como outras doenças da época, apresentava indicadores altos. O diagnóstico reafirma a perspectiva bio-hereditária e reforça as medidas de ação preventiva.

São tomadas medidas e ações "claramente invasivas e coercitivas", ou "docemente invasivas", como, por exemplo, preleções sobre doenças e cuidados nos

Programas de Radiodifusão, as Exposições sobre Higiene e Educação Física, os Círculos de Pais e Mães.

> Vinte e um anos após a invenção do cinema educativo, a Escola José de Alencar, no Largo do Machado, apresentava com grande sucesso uma exposição cinematográfica cujo objetivo era apreciar o valor pedagógico do cinema, via demonstração prática de aparelhos de projeção fixa e projeção animada. Os visitantes se espantavam e confessavam sua total ignorância sobre o que fosse a diascopia, episcopia e outras técnicas. Quantas possibilidades o cinema trazia! A geografia animada. As noções de higiene. A substituição da lição de coisas pelos estudos da natureza e outros temas vivos do cotidiano infantil. Até certos ramos da matemática, como a geometria, passavam a ser alvo das investidas do cinema. Do recinto privilegiado dos laboratórios para as telas, o cinema alcançava o grande público. Era maravilhoso e, ao mesmo aterrador.
> Apesar do "perigo", não havia como segurar a influência do cinema na vida das cidades. Eram inegáveis também suas vantagens pedagógicas ao dominar o tempo, o espaço, o movimento e a extensão (NUNES, 1996, p.193).

Sendo o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental uma Secção do Instituto de Pesquisas Educacionais, composto de outras Secções, é interessante perceber a estratégia de relação com as demais secções levada por Ramos; o que não significa que tenha sido bem sucedido.

Grifamos a articulação colocada na sexta sessão, sem desconsiderar as demais sessões, por ser dirigida por Roquette Pinto que, também, estava à frente da Rádio Sociedade.

Entre Arthur Ramos e Roquette Pinto ocorreram aproximações e afastamentos, motivados por ocupação do lugar de antropólogo reconhecido na Capital da Republica. Roquette Pinto, mais velho e com uma rede de relações estabelecidas na cidade leva vantagem nessa disputa.

Ainda que ambos tenham fundado a Associação Brasileira de Antropologia e Etnologia, Roquette Pinto não abre mão de fazer parte da Associação Brasileira de Educação e vai se dedicar à Radiodifusão, sendo diretor da Radio Sociedade e do Museu Nacional.

A síntese da "Higiene Mental nas Escolas – sistema de organização", o primeiro documento de circulação do SOHM com o sentido de divulgar o programa, aponta objetivamente as ações esperadas pelo programa.

> *VI – Programa de Ação – Síntese*
>
> *Um serviço de Higiene mental escolar comportará, pois, um vasto programa, que podemos esquematizar nos seguintes itens:*
>
> *a) Higiene mental preventiva do Pré-escolar*
> *É o processo educativo transportado ao lar. (grifo nosso) Correta formação do behavior parental. Círculos de pais. Educadores visitadores. Clinicas de hábitos e direção. Serviços conexos-profiláticos e médicos.*
> *b) Exame compulsório, médico-psicológico, do escolar, com fim de joeirar os "casos problemas", os "difíceis", em vários graus.*
> *c) Orientar os psiquicamente sãos. Re-ajustar os mal-ajustados. Clinicas Ortofrenicas, Serviços conexos: medico, antropológico...*
> *d) Correta formação mental do educador. Cursos de férias. Cursos na Escola de Professores. Freqüência no Serviço de Ortofrenia. Formação intensiva de educadores especializados.*
> e) ***Educar o público. Conferencias publicas. Conselhos de Higiene mental. Divulgação de cinema, radio, boletim, etc. Publicação de monografias***. (grifo nosso)
> *f) Problemas Conexos. Articulação com os outros serviços: médicos, testes, antropologia, etc. Planos de estudos ainda não realizados entre nós, visando auxiliar e facilitar a tarefa do Serviço de H. Mental. Trabalhos de experimentação, originais, e contraprova de pesquisas estrangeiras. Psicologia da criança brasileira: experimentação com os métodos da psicologia "novíssima". Publicação cientifica periódica, arquivo dos trabalhos.* (RAMOS, 1934)

Ramos estabelece para si um protocolo de escrita iniciado por justificativas marcadas pela contundência de suas análises teóricas e políticas, sustentando sua leitura de sociedade, educação escolar e sua concepção de ação educativa. Criticando duramente outras leituras, outras concepções além das suas, apresenta outras formas de intervir nas escolas. A contundência é maior quanto às leituras e concepções dos "doutos criminólogos" e as de intelectuais conceituados e bem articulados no espaço político do país.

Chartier (2009) sinaliza: "o *protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação"* (p.20).

Quem seria para Arthur Ramos o leitor ideal de seus textos? Existe essa figura de "leitor ideal"? Será um idealismo do próprio autor e do editor?

Ramos busca convencer o "leitor", usando a escrita argumentativa para focar os debates em torno da mudança de eixo da idéia de criança "anormal" para a de criança "problema". Estratégia que ganhou fôlego enquanto durou sua atuação na Seção, alimentando ações efetivas na direção da transformação do cenário escolar do Distrito Federal e da concretização do "amanhã" projetado.

Nesse tipo de movimento realizado na direção de educadores e autores diversos, Arthur recorrentemente reforça sua posição de defesa da mudança de eixo de análise da "criança anormal" para a "criança normal". Esse deslocamento não era tarefa fácil, pois o colocava "frente a frente" com pelo menos dois grandes intelectuais: o primeiro ligado diretamente à Educação e respeitado pelos estudos sobre testes e medidas levadas nas escolas junto às crianças; o segundo diretamente ligado à Medicina Legal e Criminologia, e bastante próximo de Afrânio Peixoto: Lourenço Filho e Leonídio Ribeiro[20].

Taticamente, Ramos procura estabelecer, com Anísio, parceria para esse debate. Uma das táticas era usar o discurso anisiano, aproximando-o do seu. Dessa maneira podemos compreender a utilização do trecho da conferência proferida por Anísio Teixeira, no Congresso Brasileiro de Proteção à Infância[21], marcando o que chama de "profundo acerto psicológico" do educador:

> em todas essas considerações, coloco-me do ponto de vista da criança, em geral, e não da criança chamada doente ou anormal. Mas, não nos parece que isto nos afaste uns dos outros, porque de há muito caiu a nitidez de uma distinção rígida entre normal e anormal, ou são ou doente... Se passarmos, então, da saúde puramente orgânica, para a saúde mental ou o ajustamento social, ainda os termos de normal ou anormal são mais indefinidos, dada a maior variedade dos elementos que compõem tais situações. E tal razão profunda por que a necessidade mais premente do instante é a do estudo e análise antes de qualquer imposição dogmática e autoritária. (TEIXEIRA, Apud RAMOS, 1934, p.2).

Ampliar os objetivos iniciais do campo da Higiene Mental era uma das frentes de ação do Serviço implantado pela Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, pois, inicialmente, a Higiene Mental representada pelas Ligas de Higiene Mental começa tendo como eixo uma busca de melhores meios de assistência ao alienado.

> Desde a criação, em 1909, do Comitê Nacional de Higiene Mental, sucessivas Ligas e Conselhos se fundaram no mundo inteiro: no Canadá, em 1918; na França, em 1920; na Bélgica, em 1921; na Inglaterra, em 1923. Também em 1923, Gustavo Riedel funda, no Brasil, a Liga Brasileira de Higiene Mental, atualmente dirigida pelo Prof. Henrique Roxo. Outras organizações são sucessivamente instaladas na África do Sul, Província do Cabo, Espanha, Itália, Suíça, Alemanha, Hungria, Nova Zelândia, Bulgária, etc. [...] Desde cedo se verificou que estava na infância o principal campo de ação da higiene mental. Se esta visa à prevenção das doenças mentais e ao ajustamento da personalidade humana, é para a criança que deve voltar suas vistas, pois aí estão os números de caráter da vida adulta. [...] Logo surgiram as primeiras "clínicas de direção e orientação da criança" (child guidances clinics), psico-clínicas, clínicas ortofrênicas, em suma, clínicas de higiene mental, para o estudo e correção dos desajustamentos infantis. [...] Criou-se o conceito de "criança-problema", em substituição ao termo pejorativo e estreito de "criança anormal", para indicar todos os casos de desajustamento caracterológico e de conduta da criança ao seu lar, à escola e ao currículo escolar (RAMOS, 1951, 4ª edição, p. 21).

Ramos reconhece o trabalho das Ligas de Higiene Mental, mas deseja avançar no SOHM para além de concepções e ações consideradas ultrapassadas.

Não conferindo exclusividade a nenhum método em particular, encaminha-se, em suas práticas, de maneiras variadas, na direção da produção de todos os dados e indícios que possam formar um quadro mais completo da criança, de sua família e de suas condições de vida: observação incidental, fragmentos biográficos, observação sistemática, questionários, história de caso, testes e medidas, experimentação, etc.

Chamado, por Arthur Ramos, método de "observação poligonal" [22], o conjunto de procedimentos usados pode sugerir um confuso ecletismo; porém, ao tentarmos nos aproximar do significado conferido ao mesmo, somos surpreendidos pela sutileza do intelectual, buscando na matemática a expressão que sugere a idéia de poder olhar sob diversos prismas.

Os dados levantados serão, na proposta de Arthur, encaminhados e analisados na Clínica Geral de Ortofrenia "a *ser instalada no Instituto de Pesquisas Educacionais*" (RAMOS, 1934, p.9). As fichas/inquérito, aparentemente, iniciadas pelas professoras das crianças indicadas como problemas, fazem um percurso até o parecer final onde devem constar indicações de procedimento, junto aos mesmos, junto à família, junto à escola. Feito o levantamento dos dados fornecidos por todos os envolvidos, incluindo observação das crianças em diversas atividades, entrevista com pais e responsáveis na

própria escola, ida até a residência da criança, a síntese das informações obtidas é "controlada" pelos profissionais técnicos.

Após revisão da proposta inicial explicitada no livreto, as fichas/inquérito sobre os "alunos problemas" são organizadas, por Arthur, a partir de dois eixos básicos: Aspecto Material das Habitações e Aspecto Psico-social.

No primeiro eixo, seriam considerados os seguintes aspectos: localização, aspecto, tipo de habitação (favela, cômodo, bangalô, vila, apartamento, palacete), nº de quartos, jardins, pátios, cuidados de higiene.

No segundo eixo deveriam ser observados aspectos relativos a passeios habituais, vida matrimonial, gestação, parto, primeiros anos da criança, doenças infantis, relação entre os membros do núcleo familiar, visitas que recebem ou fazem.

Ramos, através do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental busca provar cientificamente que o olhar deve se voltar para a "criança normal", pois é para esta que o Serviço vai "recomendar" procedimentos "preventivos" e "corretivos". Ao escrever o livro "A Criança Problema" afirma categoricamente: *não há criança-problema*... e sim *problemas da criança.* (RAMOS, 1954, 4 edição: p.44)

Na rede de sociabilidade intelectual, trabalhada no sentido de perceber a trama que produz relações de poder entendido como relações de forças (DELEUZE, 1992), onde circulava Arthur Ramos, as diferenças de concepções teóricas e práticas, entre os intelectuais[23] que faziam parte do grupo, e, mais de perto, refletia e escreviam sobre como agir junto às crianças, produziu sérios debates. Nos embates teóricos, Ramos, articulando argumentos da antropologia e da psicologia social, ressalta:

> como o homem primitivo foi uma criação dos civilizados, também a criança, no conceito de "anormal" foi, antes de tudo, o ponto de vista adulto, a conseqüência de um enorme sadismo inconsciente de pais e educadores (RAMOS: As culturas negras no novo mundo).

O Serviço é organizado, desde a primeira hora, a partir de aproximações e embates estabelecidos por Arthur, em relação a seus pares, e de apropriações realizadas das leituras de diferentes teóricos, procurando produzir inflexões no ideário mais recorrente de então:

a) deslocar as preocupações do "anormal" para o "normal";

b) considerar os desvios, não como indicadores de "anormalidades", mas como indicadores de modos de temperamentos, ou melhor, caracteres;
c) focalizar o trabalho na força no conceito de caracteres, produzidos socialmente, constitutivos dos "problemas" das crianças;
d) deslocar, nas situações encontradas, o foco do tratamento para a prevenção;
e) deslocar a ênfase do individual para o ambiente social.

Esse processo educativo de aspecto preventivo deve, nas palavras do próprio chefe do Serviço, ser transportado ao lar, o que nos faz entender todo o investimento no sentido da constituição de estratégias voltadas para este fim: visitas às casas, aconselhamento aos pais, Círculos de Pais e Mães, utilização do Serviço de Radiodifusão, palestras, etc.

As famílias aparecem como destinatárias de ações do Serviço, ao mesmo tempo assumem um papel central de colaboradoras valiosas, no fornecimento de informações sobre os seus filhos, aspecto de importância crucial para o sucesso dos órgãos administrativos voltados para o apoio ao trabalho escolar, como era o caso do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental.

É necessário interrogar nos dados apresentados na documentação do SOHM a figura do mediador, pois a escrita das informações, incluindo as falas das famílias e das crianças, era mediada por aqueles que as escreviam. As únicas exceções estão nos bilhetes das crianças ou cartas de algum responsável, mas que estão simplesmente anexadas.

A figura do mediador coloca a discussão, ainda não superada, do repasse de informações por parte do profissional e do lugar ocupado por figuras em situação de desigualdade. *Parece que a resposta a estas perguntas é que é necessário completar uma equação capenga que (freqüentemente) inclui apenas uma das partes do conhecimento* (VALLA, 1994b).

A colaboração da família permitiria, assim, a constituição de saberes de base científica sobre as crianças e jovens que, formalizados, retornariam à família sob a forma de prescrições transmitidas por meio da autoridade dos especialistas.

Articulando saberes, com especial interesse na antropologia, psicologia social e psicanálise, no Prefácio encontrado na 3ª e 4ª edição do livro *A Criança Problema*, insiste Arthur Ramos: *os antropólogos, corrigindo os primitivos ensinamentos da*

psicanálise, vieram mostrar que os instintos humanos são condicionados pelo ambiente de cultura (RAMOS, 1947, p.3).

O conceito de cultura vai tranversalizar toda sua obra, desconstruindo o conceito de "inferioridade racial", distinguindo as diferentes culturas materiais e imateriais que formariam a sociedade brasileira e sua necessidade premente de compreendê-las, e ao compreendê-las poder modificá-las através da educação, produzindo novos valores e modos de viver a vida, particularmente a urbana.

> Entre as muitas facetas da atividade de Arthur Ramos na vida pública brasileira do entre guerras, avulta o modo muito peculiar como combinou os saberes da antropologia e da psicanálise no desenvolvimento de sua obra. Esses saberes, então ainda completamente incipientes no meio nacional, aparecem aí – como não poderia deixar de ser – fortemente condicionados por um ambiente intelectual, arcado pelos debates a propósito da "civilização" do Brasil e dos desafios representados pela "raça" e pela "educação" (DUARTE, 1999, p. 11).

Confiantes no poder científico e no "toque da ciência" para re-formatar corações e mentes e assim garantir o avanço da sociedade como um todo, tendo a certeza de que sem educação para todos não haveria "civilização", os intelectuais exercem o poder, que o saber lhes confere, de maneira persuasiva ou impositiva. Como homens e mulheres atuando nas tramas de seu tempo não consideram, como nós consideramos com as ferramentas teóricas que o conhecimento do nosso tempo vivido nos forneceu, que o poder não é fixo, não é fixável, está em movimento e cada ação de poder produz uma re-ação de contra-poder, que, por sua vez, produz uma nova forma de poder.

> Uma vez que no Brasil o ideal da igualdade civil só encontrou plena sustentação legal no final do século XIX, às portas da República, o desafio da Diferença como se precipitou muito acelerada e dramaticamente em torno da "questão negra" na passagem do século. Os intelectuais inventores da "questão", como Sílvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues e João Batista de Lacerda, tiveram que se haver diretamente com o estado dos saberes sobre o humano hegemônico à época no mundo metropolitano. Esses saberes, quer partissem da antropologia física, da psiquiatria, da medicina legal, quer do direito penal, estavam fundamente marcados pela questão da "degenerescência" (DUARTE, 1999, p. 12).

Refletir sobre essa geração de intelectuais do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX é, também, um desafio de percebê-los em suas ações, em suas lutas, em suas certezas e suas fraquezas, em seus atos solidários e cruéis. Exercer o movimento do pensamento buscando fugir das análises dicotômicas e rasteiras dos juízos simplesmente morais.

Arthur Ramos contribuiu, para uma inflexão crítica de posições científicas sobre raça, degeneração, mestiçagem, ao retirá-las do organicismo "racionalizante" dos teóricos do final do século XIX e transformá-las, gradativamente, na questão "educacional" em que as subsumiu ao longo de seus escritos.

Os novos paradigmas defendidos por Arthur Ramos para a explicação do péssimo desempenho de muitas crianças e adolescentes na escola têm respostas a partir das situações vividas. Para Rizzini (2000): os desajustamentos no lar causavam problemas afetivos, emocionais e psicológicos nos comportamentos. A criança bem recebida na escola e no lar, não teria vontade de fugir, a criança tratada com carinho e proteção não iria furtar. As causas, em última instância, seriam, não mais raciais, "*mas essencialmente familiares e sociais*" (p.124).

> A interpretação que fez Mariza Corrêa da antropologia brasileira do entre guerras, à luz da teoria foucaultiana, das disciplinas, é aqui extremamente pertinente. Esse horizonte "educativo" compartilhado pela antropologia e pela psicanálise corresponde diretamente ao que ela chama de "fiscalização" ou "repressão branda", lembrando expressões de Arthur Ramos e Gilberto Freyre (cf. Corrêa, 1982, pp. 219 e 260 – por oposição aos defensores contemporâneos de uma repressão do tipo "policial" (ibidem, p. 242) (CORREA, in DUARTE, 1999, p. 18).

Podemos, então, entender a centralidade na preocupação com as famílias, a ênfase ao meio social, em diversas perspectivas. Entender a incorporação do trabalho de campo feito como atividade do Serviço, reconhecidamente uma metodologia usada pela antropologia e incorporada por outras áreas de conhecimento, incluindo a história.

Entender, na articulação da antropologia com a psicologia, fatores emocionais passando a ocupar posição privilegiada nas suas argumentações, buscando, em aspectos da psicanálise de Freud, Adler, Melanie Klein, Jung, entre outros, argumentos para seus embates com a forte concepção de "anormalidade" naturalizada.

São argumentos presentes na parte inicial, já focalizada, do pequeno livro encaminhado para as escolas experimentais "A Higiene Mental nas escolas: esquema de organização".

> O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, criado pela recente reforma do Sr. Diretor Geral do Departamento de Educação, DF, veio ao encontro de uma necessidade premente, já plenamente reconhecida pelos paises que estão na vanguarda do movimento educacional. Ele visa auxiliar a tarefa pedagógica, prevenindo e corrigindo aos maus ajustamentos psíquicos que surgem na população escolar.
> A sua tarefa inicial é a de estudar os problemas de caracteriologia, dentro do conceito de totalidade abraçado pelas modernas correntes da psicologia. Não basta a o estudo das funções isoladas, como fazia a psicologia associassionista, para se fazer um juízo sobre a personalidade global da criança (RAMOS, 1934).

Ramos não desconhece a força dos testes de inteligência preconizados, defendidos e implantados por Lourenço Filho que, ao separar a criança "normal" da "anormal", garantiria a organização homogênea das turmas como fator importante para o avanço do processo de aprendizagem.

Quero sinalizar que tal "crença", ainda hoje, permanece no campo educativo, visível através da formação de turmas. As escolas clamam pelo procedimento, diretores e professores acreditam nessa prática pedagógica, as políticas públicas com "novos nomes" utilizam a velha prática de colocar os alunos os quais demonstrem semelhanças no tempo de aprendizagem na mesma turma: "iguais" junto com os "iguais". O quê acontecia em 1934?

Ramos, para defender o deslocamento da centralidade do "anormal" para o "normal", considera que "*no plano psíquico, anormalidade, para o nosso ponto de vista, quer dizer, portanto, perda da adaptação social"*. Utiliza os estudos de Erich Stern (1933):

> psiquicamente desviado podemos chamar, pois a um homem quando não pode responder as exigências da sociedade, quando sua capacidade de acomodação a ela é nula ou escassa, quando as relações com seus semelhantes são difíceis. Enfermidade psíquica é, pois, perturbação da capacidade de adaptação social. O conceito de enfermidade resulta desde modo deslocado em grande parte, para o aspecto social. (STERN, in RAMOS, 1934, p. 19)

Trabalho social no sentido amplo do termo e da ação é o que pretende Arthur Ramos a frente do SOHM.

> O trabalho de Higiene Mental consiste em prevenir a eclosão desses desvios, conservar e orientar a criança normal e corrigir a criança mal ajustada, dentro dos transtornos carateriológicos. A sua tarefa mais importante é, não há negar, a da prevenção e orientação. [...]. O seu eixo de ação principal deslocou-se, pois, do anormal para o normal, do problema do tratamento para o da prevenção. (RAMOS, 1934)

Porém, ao localizar a função preventiva do Serviço na fase pré-escolar, do nascimento até aproximadamente seis anos, relacionando com a segunda dentição, Ramos "tropeça" na abordagem biologista da hereditariedade para os problemas das crianças, mesmo considerando o avanço ao mencionar o período pré-natal e até pré-concepcional, e apresenta um veio inegavelmente onde o aspecto da "racialidade" está presente, ainda que problematizada.

> Neste ponto a higiene mental individual cede lugar à higiene da raça, com os métodos próprios desta nova ciência. O seu campo de ação é tão vasto que já comporta uma divisão de trabalho especial. Escapando a alçada do neuro-higienista. Problemas de constituição e heredologia racial com as disciplinas de aplicação (Eugenia). Um Serviço de Higiene Mental escolar deve necessariamente de se articular com estes, principalmente na apuração das interfluencias entre raça e o individuo, na investigação dos fenômenos de herança biológica e psicológica (leis de Mendel aplicadas ao homem) etc.(RAMOS, 1934)

No ato de seu ofício ao debruçar-se nas fontes, o pesquisador pode simplesmente apontar manifestações das contradições encontradas na análise discursiva. Buscar compreender o SOHM e o ideário de seu chefe significaria, a um olhar menos atento, encontrar-se com um intelectual simplesmente operando com "os argumentos que lhe interessam" no momento.

Opto por fazer a leitura da complexidade de um intelectual formado no início do século XX utilizando referenciais teóricos possíveis que, para além das contradições encontradas, nos fornecem sinais de um pensamento à frente do seu tempo vivido, encontrados nos nossos dias. Retomo.

> A higiene mental pré-natal visa à boa formação física e mental dos pais evitando que se transmitam taras orgânicas ou psíquicas ao produto da concepção (Serviço de Profilaxia Sanitária, **exame pré-nupcial, assistência as gestantes,** etc.). A assistência à mulher grávida merece um cuidado especial não só do ponto de vista físico como ainda mental, no evitar traumas nervosos, etc (RAMOS, 1934, grifo nosso).

Ramos considera fundamental e importante as reuniões dos Círculos de Pais e Professores. Estratégia de aproximação com as famílias, acreditando que as orientações "fornecidas" num *continuun* chegariam à comunidade. Pensar, defender essa iniciativa não era novidade.

Fernando Azevedo já fazia essa defesa estratégica, e, na ABE, a Profa. Armanda Álvaro Alberto coordenou secção relacionada a essa articulação, sendo reconhecida sua atuação como fundadora e diretora da Escola de Meriti, onde a relação escola, família, comunidade era base do trabalho através dos Círculos de Pais e Mestres.

Na Associação Brasileira de Educação (ABE), como consta na Acta da 2ª sessão, realizada em 2 de dezembro de 1924, sob a Presidência do Sr. Heitor Lyra da Silva, são criadas 8 secções de trabalho, assim distribuídas:

1ª) ensino primário e normal;
2ª) ensino secundário;
3ª) ensino profissional e domestico;
4ª) ensino techico e superior;
5ª) ensino artístico;
6ª) educação physica e hygiene;
7ª) educação moral e cívica ;
8ª) educação da infância abandonada.

Na 16ª sessão, em 11 de julho de 1925, a ABE cria a secção de Cooperação da Família na Educação, sendo designada para sua presidência D. Armanda Álvaro Alberto, que na 20ª sessão de Reunião da ABE, em 10 de agosto de 1925.

> communicou haver installado a secção de Cooperação da Família na Educação com vinte pessoas presentes que, no dia 11 do corrente, será inaugurado, no Colégio Bennett, o primeiro

> circulo de pais e professores; D. Armanda communicou mais que está procurando conseguir publicações relativas ao assumpto de sua secção para figurar na biblioteca da Associação.[24]

Na mesma secção o Sr, Fontenelle aceita ser o organizador da representação da Associação no Congresso de Educação Physica a se realizar em São Paulo. Internamente a ABE separa na sua organização a Higiene da relação com as famílias via escola (Círculo de Pais e Mães), articulando Higiene com Ed. Física, fortemente ligada ao aspecto do civismo. Está ligação entre higiene - ed. física - civismo será objeto de pesquisa da Profa. Marta Maria Chagas de Carvalho, no seu doutorado, tendo a tese resultado na publicação do livro "Molde Nacional e Forma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)".

Pesquisa sobre a Escola de Meriti e o discurso orientador, durante o período de sua existência sob a direção de D. Armanda Álvaro Alberto, das ações junto e para as famílias através dos Círculos de Pais e Professores é o objeto que resulta na tese de doutorado da Profa. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, e no livro "Lições de Casa – discursos pedagógicos destinados à família no Brasil" (2007).

Magaldi (2003), ao analisar o papel dos Círculos de Pais e Professores, sinaliza que:

> estes deveriam se constituir em instâncias fundamentais pelas quais as famílias, e em especial as mães dos alunos, seriam estimuladas a sintonizar-se com as novidades pedagógicas postas em prática junto a seus filhos, nas escolas renovadas, educando-se, assim, na "ciência de educar". Desse modo, procurava-se transpor o abismo freqüentemente mencionado por educadores da época, entre a educação dada pelos pais, vista como inapropriada, a aquela considerada apropriada, ministrada pela escola. (p.424)

Não deixa de ser peculiaridade a ser observada, a maneira como é concebido, no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), o incentivo a maior aproximação às famílias e às comunidades, através de seus lugares de moradia e hábitos de diversão. É trabalho de campo, que a Antropologia, antes de outras ciências, adota como método de pesquisa. Há, nesse sentido um deslocamento do que era preconizado e executado pela ABE, no período que antecede o Serviço, durante a existência do mesmo e, mais ainda, durante o Estado Novo.

No sonho dos reformadores brasileiros da época, projetava-se, em grande medida, uma sociedade que se urbanizava, apoiando-se, crescentemente, na economia industrial e nos saberes racionais e científicos como instrumental de base teórica e explicativa da "nação", sendo a educação alçada, por grande parte da intelectualidade envolvida nos debates em curso, a grande solução para os problemas nacionais. Em texto originalmente construído como relatório de sua gestão no ano de 1934, Anísio Teixeira apresenta uma reflexão sobre o conceito de escola que inspirava o projeto com o qual se via comprometido:

> A escola deve fornecer a cada indivíduo os meios para participar, plenamente, de acordo com as suas capacidades naturais, na vida social e econômica da civilização moderna, aparelhando-o, simultaneamente, para compreender e orientar-se dentro do ambiente em perpétua mudança que caracteriza esta civilização. (p.86)

Todavia, o movimento da realidade não é linear e nem monolítico. Idéias e instituições conviviam e ensejavam lutas, explicitas ou silenciosas, por prestígio e visibilidade no meio social; levadas, na maioria das vezes pelo mesmo personagem em lugares institucionais diferenciados.

Assim entendo o movimento de circulação de diversas representações da Cidade do Rio de Janeiro. Compreendo o porquê, no mesmo período em que o Director de Instrução Pública defendia ardorosamente o papel da escola "na vida social e econômica da civilização moderna" e as intervenções no espaço urbano visando transformá-lo na representação da cidade moderna, o Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro, sob a direção do D. Ramiz Galvão, publica, em 1933, sua Revista - RHGB, volume 167 – inteiramente dedicada à representação da cidade com o título "O Sertão Carioca" [25].

Escrito por Magalhães Corrêa, prefaciado por Roquette Pinto, sendo o segundo homenageado "pelo espírito de brasilidade", o texto apresenta uma representação da Capital da República antagônica a que se buscava convencer a população carioca como a desejada.

Sobre a Revista e o texto escreve Ricardo Palma, no "Diário Carioca", em 20 de setembro de 1932.

O Sertão Carioca

Pouca gente, hoje, escreve as coisas do Rio de Janeiro. E os poucos que escrevem se limitam á história. Mas, ultimamente um desses escriptores, afastando-se do asphalto moderno e elegante da Avenida e deixando em paz a poeira venerável dos archivos, resolveu, como Fernão Paes, "entrar pelo sertão".

Sim, embora o carioca da Avenida, do posto 4, dos chás e cinemas chics fique espantado, existe, nesta sua maravilhosa terra um "sertão", como na Amazônia, em Mato Grosso, em Goyaz, em Minas, na Bahia. Embora menos bravio...

Tinha-me eu na conta de razoável sabedor de coisas do Rio antigo, do Município Neutro, do actual Distrito Federal. Era uma pretensão como tantas. Mas bastou o professor Magalhães Corrêa iniciar a divulgação de uma série de reportagens interessantíssimas para verificar que eu nada sabia.

É ele o sertanista que está revelando aos cariocas o Rio pelo avesso, o Rio que os cariocas conhecem apenas de fachada, na sua exterioridade realmente deslumbradora. Para mim, porém, cuja maior tristeza é a falta dum cajuado em que me afunde, numa aba de serra entre quatro arvores, um fio d'água ou mesmo de um poço, as revelações do professor Magalhães Corrêa são dum attractivo tão empolgante que, de bom grado, se em mim coubesse a proeza, trocaria de prompto todo o esplendor da Avenida Atlântica por uma das ribas encantadas da lagoa de Marapendy.

Sim, senhores, o rio tem seu sertão. E que sertão maravilhoso, cujas verdes portas se pôde bater de automóvel, em escassas horas, por optimas estradas! Que sertão sumptuoso, debruado de grimpas ainda frontosas, cachoando águas de altas vertentes, ondulando em valles uberrimos, excravando-se em lagoas de fundo crystalino!

[...] Que surpresa para nós outros "supercivilizados", que, de caça apenas conhecemos o gambá dos morros e, de pesca o siry da Urca!

[...] Trabalhos como esses deleitam e instruem. Hábitos de serviço, costumes domésticos, modos de vida, praticas de caçadas, pescarias, viagens, indistriuas rudimentares, transportes sertanejos, supertições, indumentárias, folk-lore, fala regional [...] Pois repito: batalharia pelo maior premio de reportagem a Magalhães Corrêa, pela sua

> *curiosidade útil e sadia; pela generosidade com que nos instrue acerca do que é nosso: pelo exemplo de amor à nossa terra no que lhe resta ainda de optima* ***rusticidade.*** (grifo nosso)

O humano, suas tradições culturais, suas contradições no vivido. Roquette Pinto e Ramiz Galvão também eram associados da ABE, sendo o primeiro Diretor da Radio Sociedade, do Museu Nacional, signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação. Manifesto. Documento/Manifesto síntese, com todas as críticas feitas ao documento e ao momento de sua construção, do pensamento de intelectuais, constituindo-se em um "programa para educação do país" onde era feita uma ampla defesa da superação do "atraso" nacional, através da educação para todos. Defendia o país moderno referenciado na Capital da República.

Na Capital, no mesmo período, com os mesmos personagens, encontramos defesa dos "modos de vida", dos "hábitos", da rusticidade que significava, para os senhores do "saber científico" e do "poder de toque da ciência", o "obscurantismo".

Na concepção de Anísio Teixeira a educação de qualidade constituía-se requisito central na disponibilização, para os indivíduos, de condições para responderem, satisfatoriamente, aos desafios lançados por uma sociedade urbana e industrial e, ainda, de contribuírem para os rumos da mesma, em uma direção democrática. Por isso, foram muitos os investimentos realizados nessa direção no âmbito da reforma conduzida no Distrito Federal.

Para o antropólogo Arthur Ramos o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental era a porta aberta para ao conhecer o "modo de vida" das crianças, os "hábitos" familiares, ultrapassar os resquícios da "rusticidade" do ato familiar de educar. Mas, como atuar se os saberes são vistos sob a ótica da desigualdade e os intelectuais julgam-se possuidores de um saber superior?

2.2-Um Serviço Prático para mudar Práticas

Dessa forma Arthur Ramos vai definir o Serviço que passa a chefiar. Para isso, busca fundamentar as bases de sua ação em diferentes áreas do conhecimento, utilizando o que considera mais avançado em cada uma, com destaque para Antropologia e Psicologia Social.

> Os antropólogos, corrigindo os primitivos ensinamentos da psicanálise, vieram mostrar que os instintos humanos são condicionados pelo ambiente de cultura. Desde a correção inicial de Malinowski, até os dias de hoje, são acordes antropólogos e psicólogos, entre este grande número de psicanalistas, que as tendências, os 'complexos', as 'vivências' humanas, são condicionadas, ou às vezes diretamente formadas, pelo ambiente sócio-cultural. (RAMOS, 1951, 4ª ed. p.10)

O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental atuava carregando um paradoxo: não tinha uma representação positiva das famílias das "crianças problemas", ao mesmo tempo torna-se necessário valorizá-las, produzir essa representação positiva que solucionaria os problemas apresentados pelas crianças e relacionados pelas escolas.

Que efeitos produziam as ações dos Serviços de Ortofrenia e Higiene Mental nas práticas do cotidiano escolar?

Destacam-se iniciativas voltadas para a formação de professores; para o estímulo à reflexão destes sobre sua prática; à experimentação de novos métodos pedagógicos; para a produção de materiais de apoio ao trabalho docente, entre outras ações, que devem ser compreendidas em articulação com a iniciativa da formação do magistério em nível superior.

Arthur Ramos, na perspectiva de ter maior conhecimento sobre como as ações se desenvolviam no dia-a-dia escolar e a opinião das professoras, envia às escolas questionário para ser respondido pelas docentes. O documento não está datado e afinando o olhar nada indica estar direcionado às ações do SOHM na escola, e sim à escola como um todo.

Não deixa de ser instigante encontrar esse documento nos Arquivos do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, da Sessão de manuscritos da Biblioteca Nacional, e não nos Acervos de Anísio Teixeira ou Lourenço Filho.

A documentação nos interroga, guarda mistérios que o pesquisador não decifra, ou os decifra de acordo com seu propósito de pesquisa, tentação de submeter as fontes aos próprios interesses. Por outro lado, o trabalho com as fontes nos obriga a refletir seriamente sobre os cuidados reservados para a guarda de documentos, principalmente os administrativos.

Outro aspecto refere-se ao endereçamento dado ao questionário: professores e responsáveis. Somente encontramos respostas de professores.

Se o acesso à informação é inseparável da questão do poder, o acesso e o controle das informações atribuem a alguns atores um papel privilegiado na trama das relações sociais, que são na perspectiva foucaultiana, sempre uma relação de forças em movimento.[26]

> O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas de saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico. Ele é força, e relação de forças, e não forma. E a concepção das relações de força em Foucault, prolonga Nietzsche, é um dos pontos importantes de seu pensamento. É uma outra dimensão que não a do saber, ainda que o poder e o saber constituam mistos concretamente inseparáveis. (DELEUZE, 1992, p. 122)

Ramos, se de fato é o formulador do questionário, construiu um discurso de convencimento, para obter as respostas, que beira um chamamento a "moralidade", aos "nobres" sentimentos, ressaltando-os como esperados pelo "modo de ser" de UMA professora. Tal constatação dos jogos ensejados por Ramos, o dimensiona na envergadura humana, falível, generosa com muitos, cruel com outros, astuto no seu agir. Um homem carregando seus próprios sonhos e agindo no campo social dentro do espaço do possível.

> Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2009, pág.69)

A Sra. Professora
Afim de que responda com a sinceridade que lhe é habitual

Questionário

1) Quais os fins gerais, que, segundo sua opinião, deve a nossa escola visar?
2) Que julga devemos conseguir, em ultima análise, das nossas crianças?
3) Acredita que a escola, tal como é, esteja facilitando a consecução desses fins?
4) Acredita que a escola já esteja proporcionando às crianças uma vida tão real e verdadeira , quanto é desejável proporcione? Sim? Porque?
5) Se não, que acha precisamos fazer para alcançar esse desideratum?
6) Quais as razões que, a seu ver, podem explicar essa deficiência?

7) Como organizaria sua escola, que regime de vida lhe daria para que ela fosse considerada uma escola de vida e de experiência?
8) Que pensa sobre autonomia, liberdade, respeito a personalidade e outras expressões do mesmo gênero, tão citadas atualmente? Que relação estabelece entre isto e a disciplina?
9) Tem alguma observação a fazer, nesse particular, relativamente a seus alunos?
10) O que vem sendo observado relativamente ao cumprimento dos deveres de aluno, do sentido de responsabilidade, do interesse na boa execução dos trabalhos da classe, do interesse na conservação do material e da escola?
11) Qual o projeto (ou os projetos) escolhido pela turma e em cujo desenvolvimento pretendem empenhar-se, ou se vem empenhando, seus alunos, este ano?
12) Tem notado alguma diferença na apresentação do projeto, na localização dos problemas, planejamento do trabalho, em comparação com o que se deu nos outros anos?
13) Está encontrando mais facilidade na organização do seu trabalho, agora?
14) O que diz da liberdade concedida as crianças na escola? Acredita que esteja no seu justo ponto? Acha que se deve ampliá-la ou restringi-la?
15) Tem-se sentido menos respeitada agora que noutros tempos?
Fadiga-se mais agora que antigamente?
16) Que tem a dizer quanto a sistematização das noções ministradas as crianças?
17) Pensa que a vida pelas crianças na escola possa ter conseqüências más futuramente, concorrendo para a formação de caracteres voluntariosos e indisciplinados ou pelo menos irreverentes e revolucionários?
18) Pratica-se no grupo sob sua direção a verdadeira cooperação?
19) Que acha do trabalho em cooperação? Haverá prejuízo na sua pratica constante? Acha que conviria individualizá-lo mais?
20) No desenvolvimento do trabalho, em sua turma, nota desordem, perturbação, que o tornem dispersivo e concorram para desperdício de tempo e gasto inútil de energias?[27]

Supondo ter esse questionário sua origem no SOHM e se havia uma profunda crença no Serviço como possibilitador de mudanças nas práticas educativas, encontramos críticas as mudanças, em confronto com o cotidiano escolar. As vi como alertas e indícios emergindo dos documentos.

A partir da resposta de Dulce Goulart, professora da Escola Experimental Manuel Bonfim, extremante ligada ao próprio Arthur Ramos, da equipe diretamente ligada ao SOHM, a pergunta 4: *"Acredita que a escola, tal já esteja proporcionando as crianças uma vida tão real e verdadeira quanto é desejável proporcione? Sim? Porque?"*, diminuindo a escala de observação, vislumbramos aspectos sutis do dia-a-dia nas escolas.

> Como não? Vivo numa escola onde as crianças criam, agem, movimentam-se. Onde quase sempre a professora consegue parecer à criança apenas colaboradora. Não é isso que se deseja alcançar? Mesmo assim, farei algumas objeções: I- diante de turmas muito numerosas parecer-me-á sempre impossível exercer um perfeito controle. II- é ainda chocante a casa em face da escola. Frizo, portanto o seguinte: a escola está proporcionando a criança uma vida real e verdadeira, mas, para que os resultados sejam ótimos, constituam-se turmas menores e dilate-se a permanência na escola. Será um ótimo trabalho.[28]

Na resposta dada, além de apontar mudança no "lugar ocupado pela professora" – *"quase sempre a professora consegue parecer à criança apenas colaboradora"* -, D. Dulce Goulard faz duas críticas que merecem ser destacadas. Uma pela atualidade administrativa, outra pela permanência da maneira de pensar.

> I- o tamanho das turmas
> II – a contraposição entre "a casa" e "escola", dando como saída possível a maior permanência da criança na escola. Uma "captura da vida privada" pela instituição "educadora".

Faz, também, crítica ao aspecto metodológico ao responder a pergunta 7 - *Como organizaria sua escola, que regime de vida lhe daria para que ela fosse considerada uma escola de vida e de experiência?*

> Procuraria de inicio estabelecer entre o professor e as crianças uma camaradagem perfeita num amplo regime que tivesse como base a livre escolha (O PLANO Dalton sem a apresentação dos contratos). Depois, à proporção que fossemos vivendo a própria escola, sobre o que surgisse por imposição do momento, organizaria os contratos e teria a escola funcionando sob as bases do Plano Dalton que perderia a meus olhos a única aspereza que tem – a imposição da tarefa.[29]

Outras professoras da mesma escola, também responderam o questionário e todas fazem as mesmas críticas ao tamanho das turmas e ao direcionamento pedagógico proposto pelo Plano Dalton. Uma jovem professora, justifica seu pouco tempo no magistério, mas é a única a falar do excesso de tarefas, incluindo o preenchimento de fichas do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental.

São respostas de professoras ligadas, ainda que só pela escola onde trabalhavam, ao projeto anisiano, onde estava presente a visão de um programa de escolarização das massas para além da escolarização limitada à *simples "alfabetização"*. Anísio afirmava no relatório por ele elaborado para o ano de 1934: "*Tal escola não pode ser a simples escola de ler, escrever e contar"*. No mesmo relatório, o educador desenvolvia sua concepção sobre o tema:

> O problema é evidentemente mais amplo.
> A escola deve ensinar a todos a viver melhor, a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; a dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e maior eficiência; a manter padrões mais razoáveis de vida familiar e social; a promover o progresso individual, através os (sic) cuidados de higiene e os hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento.
> Não creio que a escola possa vir a ser um instrumento real de progresso, se não atender a esse mínimo essencial de educação.

Há proximidade dessa visão a visão de Arthur Ramos, assim como de outros reformadores de seu tempo. A formação dos sujeitos para a sociedade projetada, que teria como lócus privilegiado a escola pública, envolveria toda uma produção de hábitos, comportamentos e valores nos escolares, requerendo, por isso, ações minuciosas conduzidas por meio de múltiplas estratégias.

Questionários, inquéritos, funcionam como dispositivos na produção de novas subjetividades, apresentando como uma preocupação central maior qualidade no embasamento do trabalho com os alunos de modo geral. Cabe sempre perguntar: qual subjetividade está, de fato, sendo produzida e que processos de subjetivação estão em embate?

Tenhamos em vista atenção particular, dos educadores envolvidos com a reforma, dirigida às crianças dos grupos populares. O "olhar" dirigido às crianças pertencentes a esses grupos da população está explícito no trecho:

> Essa criança do povo deve e precisa ter na escola mais alguma coisa do que o ensino a toque de caixa de leitura, escrita e contas. Precisa encontrar, ali, um pouco daquilo tudo que as casas mais aquinhoadas da fortuna geralmente têm nas próprias casas: um ambiente civilizado, sugestões de progresso e desenvolvimento, oportunidades para **praticar** nada menos do que uma vida melhor, com mais cooperação humana, mais eficiência individual, mais clareza de percepção e de crítica e mais tenacidade de propósitos orientados. (TEIXEIRA, 1934, p.83) (grifo do autor)

O grifo do autor, no trecho acima, confere destaque ao importante aspecto das práticas escolares, que deveriam possibilitar aos alunos a vivência de práticas sociais. No caso, a experiência a ser estimulada envolveria uma sociedade em mudança, apoiada nos referenciais da ciência e da razão, que estimulassem o progresso individual e social,

aspectos que, na visão de Anísio, se veriam desprovidas, de forma mais acentuada, as crianças das camadas populares.

A escola deve ocupar o "lugar educador" privilegiado que as famílias não cumprem e, estrategicamente, "pressionar" com o "toque da ciência" para que as famílias, através do permanente contato com a escola e suas práticas, se transformem na "família civilizada e civilizadora".

Contatando a profunda heterogeneidade marcante do cenário educacional e social da Cidade do Rio de Janeiro e a compreensão desta situação como um grave problema a superar é o fundamento das intervenções. Convém, contudo, salientar que o projeto anisiano não teve como base uma "escola para pobres",[30] mas sim o sonho "uma escola para todos", ainda com foco especial às crianças pertencentes aos grupos menos abastados da população. E se era atribuída à escola uma parcela extremamente significativa nessa tarefa, observa-se uma confluência de vozes, entre os educadores renovadores, no sentido de acentuar que a escola não teria condições de cumprir tarefa de tal magnitude de modo isolado.

Ressaltando o papel da família na educação do indivíduo, relaciona o grau de "eficiência" da escola, ao maior ou menor apoio que a mesma encontra nos lares de seus alunos. Se esse apoio era valorizado, entendia-se que dificilmente se manifestaria de forma espontânea, devendo, ao contrário, ser incentivado. Assim, à escola era ainda atribuída a tarefa de "prestigiar" e "fortalecer" a família, estimulando sua aproximação em relação à escola e contribuindo para que mães - constituídas como alvos principais das mensagens transmitidas pela escola na direção do lar – e pais atuassem junto às crianças, em sintonia com os desígnios do movimento de renovação educacional em curso. Os agentes educadores, nesse sentido, movimentavam-se no sentido de ensinar as famílias a educar. (MAGALDI, 2003)

Chegar às famílias, atingir a "comunidade", representa ações que, valorizadas naquela conjuntura, conduziram à afirmação de uma relação, que se fortalecerá e permanecerá nas ações do poder público, até os nossos dias, sendo traduzida no trinômio: Escola/Família/Comunidade.

A abertura da escola para uma relação mais intensa com a cidade, com o mundo urbano, trouxe à cena embates e conflitos, produzindo maneiras de olhar a escola, seus agentes, seu entorno, a cidade, e gerando novos saberes e novas relações de poder.

Em correspondência dirigida a Arthur Ramos, por ocasião da publicação do livro *A Criança Problema*, em 1939, Anísio saudava seu antigo colaborador, pela iniciativa, materializada no livro, de transmitir às futuras gerações a experiência levada a efeito, a partir de 1934, na chefia do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental: "*Quando o estudioso de 1980 procurar saber o que se fez na década de 30-40, deter-se-á assombrado diante de sua obra. Você é um dos poucos entre nós que está realmente trabalhando no futuro."* (TEIXEIRA, apud RAMOS, 1947, p.9)

As observações de Anísio Teixeira são utilizadas por Arthur Ramos no prefácio a partir da 2ª edição do livro, para tornar clara sua revolta pelo fim do Serviço por ele chefiado, esclarecendo o autor ao leitor: "*Ao sair a público a primeira edição deste livro, já seu autor havia deixado a direção do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, que fundara*". (RAMOS, 194, p.7)

Ramos é exonerado da Prefeitura por Henrique Dodsworth, em 5 de agosto de 1939, com data retroativa à 19 de julho de 1939, justificando o ato pelo Decreto-Lei número 1190, de 20 de janeiro de 1939.

A Secção do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental encerra seu trabalho em 1939. O Estado Novo de Vargas inicia um novo ciclo de políticas educacionais com Gustavo Capanema. O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental é substituído, em 1940, pelo Serviço de Ortofrenia e Psicologia (SOP) com a reformulação do IPE (que passa a se chamar Centro de Pesquisas Educacionais – CPE), funcionando com atividades aparentemente próximas ao SOHM, mas com concepções diferentes.

O Serviço de Ortofrenia e Psicologia volta sua ação, preferencialmente, para o diagnóstico dos alunos com dificuldade de aprendizagem nas escolas primárias da rede municipal através do uso do velho conhecido: os testes de inteligência infantil. Dependendo dos resultados dos testes as crianças seriam encaminhadas para as chamadas "turmas especiais".

Realizava ainda trabalho clínico de curta duração com estas crianças, fazia pesquisas e ministrava cursos. O SOP encerrou suas atividades em 1975, devido à fusão dos Estados da Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido chefiado até 1945 por Ofélia Boisson Cardoso e Cinira Menezes de Miranda, que ocupou o mesmo cargo em 1955.

Concretiza-se o que Arthur Ramos no Prefácio da 2ª e das duas edições posteriores do livro "A Criança Problema" anuncia, fazendo contundentes críticas ao Estado Novo e a política de Vargas.

> Ao sair a público a primeira edição deste livro, já o seu autor havia deixado a direção do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, que fundara. Uma série de circunstâncias adversas tornou impossível a continuação de um serviço que só então começava a dar seus primeiros frutos. Pensava-se em sair da fase de experimentação, em que estávamos, para alargar a toda a população escolar do Distrito Federal a ação do Serviço [...] Todo esse trabalho foi interrompido subitamente no meio da avalanche de destruição que desabou sobre a grande obra de Anísio Teixeira na educação do Distrito Federal.[...] Com o advento do Estado Novo, uma falsa educação nacionalista, de imposições e restrições, passou a substituir o conceito de liberdade vigiada, condição essencial para o estabelecimento das verdadeiras regras de higiene mental. A educação humana e compreensiva nos moldes tantas vezes pregados neste livro, foi substituída pela pedagogia clássica da disciplina rígida de interdições e coações. O Serviço ainda tentou sobreviver a esse período de sombras. Mas, uma santa inquisição de bravos censores – embora não formulassem abertamente nenhuma alegação contra o Serviço – não lhe permitiu o funcionamento perfeito numa atmosfera de liberdade que é aquele onde se possa fazer realmente ciência. (RAMOS, 1951,4ªed. p.7/8)

Como não existe escrita neutra, a ação escrituraria de Arthur Ramos nos transmite sua intenção, naquele momento: enobrecer Anísio Teixeira, se colocar no lugar do "injustiçado" e, claro, continuar o combate que havia travado ao ter permanecido no início do Estado Novo de Vargas; além da crítica àqueles que haviam permanecido como "técnicos" desligados da política.

> Para um discurso, ter um nome de autor, o fato de poder dizer "isto foi escrito por fulano" ou "tal indivíduo é o autor", indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto" (FOUCAULT, 1992, p.45)

Paschoal Lemme, em suas "Memórias" (1994) rememora esse período, como os tempos das grandes rupturas. Não só políticas, mas também pessoais, relatando o porquê do seu afastamento de Lourenço Filho.

> Venâncio Flores [...] num dos momentos mais difíceis de minha vida particular e profissional, animou-me e incentivou-me a prestar o concurso para o cargo de inspetor de ensino do Estado do Rio de Janeiro. A aprovação que logrei obter veio contribuir decisivamente para que eu retornasse à carreira quase interrompida em 1930, e se resolvesse a aflitiva situação econômica em que me encontrava, com a família aumentando e passando necessidades. Dele tive também toda a assistência durante os dias dramáticos de minha prisão (1936-1937). Em seguida, novamente, em 1938, voltou a me estimular para que me inscrevesse no concurso para provimento do cargo de técnico de educação do Ministério da Educação, pondo à minha disposição todo o material que possuía para o estudo de extenso programa que tinha que preparar.[...]. Finalmente, no momento em que resolvi deixar o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, por divergências em matéria de orientação com seu diretor, o professor Lourenço Filho, e onde exerci sucessivamente os cargos de chefe das Seções de Documentação e Intercâmbio e de Inquéritos e Pesquisas, foi ainda Venâncio quem sugeriu a Heloisa Alberto Torres minha designação para a chefia da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional (p.51)

2.3- A operação escrituraria das professoras

Para organizar e implementar as ações, do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, elaboradas por Arthur Ramos é constituída uma estratégia, elaborada no âmbito da mesma reestruturação do Departamento de Educação. São direcionadas para as seis escolas experimentais instituídas, nesse período, onde os projetos educacionais seriam intensamente implantados, dentro da singularidade de cada uma delas, com a perspectiva de, mais tarde, irradiá-los para todas as escolas: Escola Bárbara Otoni, Escola México, Escola Argentina, Escola Manuel Bonfim, Escola General Trompowisk[31], Estados Unidos.

Fig. 8- Professoras da Escola Argentina – 1936. Acervo Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

A escola Argentina é, talvez, das seis "escolas experimentais" a que mais tenha se destacado. Possui até os nossos dias um vasto acervo de fotos e documentação dos anos de 1920 e 1930. Sobre sua prática e a proposta pedagógica anisiana levada, desde a construção do prédio situado no Boulevard 28 de setembro, no bairro de Vila Isabel. Miriam Windelfeld Chaves produziu sua tese de doutorado na PUC-RIO ressaltando sua importância dentro do projeto anisiano, utilizando como fontes primárias acervo da própria escola.

As turmas, os professores, arquitetura das escolas, as obras, o cotidiano das escolas existiram no mundo e são objetos de registro de uma época. O fotógrafo, o autor, pode estar motivado por razões de ordem pessoal ou profissional[32].

> Segundo Kossoy (2004) "os componentes estruturais de uma fotografia, isto é, seus elementos constitutivos e suas coordenadas de situação. Trata-se dos componentes que a tornam possível, isto é, materialmente existente no mundo: o assunto que é objeto de registro". (p.26)

Continuando as reflexões sobre fotografias como fontes históricas, diz Kossoy (2004).

> Tal ação ocorre num preciso lugar, numa determinada época, isto é, toda e qualquer fotografia tem sua gênese num específico espaço e tempo, suas coordenadas de situação. Ela registra, por outro lado, um micro-aspecto do contexto (p.26).

Em cada unidade escolar escolhida para implantação do primeiro Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental situado nas escolas públicas Arthur Ramos precisa cultivar o envolvimento de profissionais das mesmas e estimular o apoio dos mesmos. Há profissionais mais diretamente ligados ao Serviço Geral, mas à todas as professoras das escolas são dirigidos elogios e agradecimentos.

Nesta luta de "educar as famílias", tornam-se auxiliares fundamentais as professoras das escolas públicas agindo dentro da "uma rede" escolar, não só no encaminhamento das "crianças com problemas", mas atuando além de seu trabalho em sala de aula com visitas domiciliares, entrevistas e outras iniciativas, como levar a criança ao cinema. Corrêa (1982) retoma as palavras de Ramos e destaca seus elogios às professoras:

> tal tem sido a sua dedicação, que muitas vezes o Serviço os tem surpreendido em tarefas além das horas do expediente, em visitas sociais, na colheita de dados sobre a criança. Visitas que têm sido inúmeras vezes excursões a zonas pobres da cidade, aos cortiços asfixiantes do centro urbano ou às favelas dependuradas nos morros dificilmente acessíveis. Trabalho social no bom e legítimo sentido da expressão (p.236).

PROFISSIONAIS DIRETAMENTE LIGADOS AO SOHM

Instituto de Pesquisas Educacionais	Dinah Goulart
Esc. Bárbara Otoni e Argentina	Isaura Carvalho de Azevedo
Esc. Manuel Bonfim	Lea de Paula Miranda
Esc. Argentina e Estados Unidos	Cenira Isensée Carvalho Leal
Esc. Manuel Bonfim, México, Gen. Trompowski	Dulce Goulart
Esc. México e Gen. Trompowky	Marília Hasselmann Rosa e Silva - Encarregada dos Serviços Pré-Escolares desta última.
SOHM – Tarefas clínicas	Drs. Cláudio Mesquita de Azevedo, José de Paula Chaves, Stefânia Soares

Ramos exigia que os profissionais mais próximos ao Serviço fizessem o Curso de Caracterologia. Na Escola Argentina grande número dos profissionais estão ligados diretamente ao Serviço, como vemos no quadro abaixo.

RELAÇÃO DE PROFESSORES E ESTAGIÁRIAS DA ESCOLA ARGENTINA. INFORMAÇÕES RELATIVAS DOS CURSOS ESPECIAIS QUE FREQUENTAM-
OUTUBRO DE 1934[33]

NOME	CURSO	DIA	HORA	OBS
Adelaide Pereira Ferreira	_____	_____	_____	Licenciada
Alda Pereira da Fonseca	Higiene (Dr. Clarch)	3ª feira	9:30h	
Alice D'Angelo	Ciências Sociais e Interpretação dos Programas de Ciências Sociais	4ª e sábados	9 ás 11	
Alice Lopes Leal	_____	_____	_____	_____
Almerinda Amorim	Historia da Ciência, Museu e laboratorio	3ª e 5ª feira	4 e meia as 5 e meia 9 as 11 e 5 as 6	
Anadeira tumba Pereira da costa	_____	_____	_____	Licenciada
Dr. Antonio Morais	A. H. M	5ª feira	3 as 4	Medico
Aracy Ferreira	Pratica orfeônica, Orfeão dos professores	5ª feira	10 as 11 11 as 12:30	
Cândida da silva Freire	C.H.M	5ª feira	3 as 4	
Cecília M. Coelho	_____	_____	_____	LICENCIADA
Celeste palmeira	Califasia Manejo de aparelho cinematográfico	2ª feira 4ª feira	8:30 as 10:30 11 as 12 : 30	
Celina Pereira Mendes	C. H.M			
Celania (?) Montenegro de faria Rocha	C.H.M			
Consuelo Rossi Magalhães	Pratica de Museus e laboratório de Biblioteca			
Darcy Leonardo	Escola de Professores	Diariamente		
Darcy Moura	Escola de Professores	Diariamente		
Dinah Goulart	C.H.M	_____		Auxiliar de Dr. Arthur Ramos
Elisabeth\Paiva de Carvalho	Desenho			
Else Mazza Nascimento	Cultura I(?). Americana			

Machado	C.H.M Estatística			
Dra. Estefania Soares	C.H.M			Medica
Esther Estefania Soares	_____	_____	_____	
Haydee Costa	Ed. Física Filosofia			
Heloisa Santiago	C.H.M			
Helena Heloisa de Lima Rodrigues	C.H.M			
Henriqueta Miranda d'Abreu	Orientadora			
Inah Daniel de Deus	Canto orfeônico			
Iracema da Matta	_____			
Irene Amaral da Silva	_____			
Irene C.V. Barretto	C. H. M			
Irene Thiré	C.H.M			
Ítala Lamartine	Musica			
Irene Silveira Reis	C.H.M			
Josefa Rossi Magalhães	Escola de Professores	Diariamente		
Joaquina Daltro	Orientadoras C.H.M Estatística			
Leonor Trota Coelho	Musica			
Leonor Heggendorn	Aperfeiçoamento em desenho			
Lívia W. de Abreu	C. H.M			
Margarida H. da Silva	Musica Desenho			
Margarida Rochert	C.H.M			
Maria Dulce Sodré Cardoso	Higiene (Dr. Clarch)			
Maria evangelista Feijó	Orientadoras			
Maria de Lourdes cortes	Musica			
Marnia dias de Oliveira	Musica			
Odette P. Sauer	_____	_____	_____	_____
Olinda F. da Costa	Ed. Física			
Rizza Soares Pinto da Silva	Historia das Ciências			
Rosa Vigarano	Ciências Sociais Interpretação dos Programas			
Ruth Andrada	_____			
Asvette Khury	Califasia Cinema e CHM			

Dyrce Henriqueta Fonseca	Desenho			

Sintetizando o quadro anterior temos o número de profissionais relacionados com os cursos e, com poucas exceções, a grande maioria fazia cursos ligados diretamente à Diretoria de Instrução Pública e suas Divisões.

Ortofrenia e Higiene Mental	20
Ciências Sociais	3
História das Ciências, Museu e Laboratório	7
Práticas Orfeônicas	2
Escola de Professores	4
Música	7
Desenho	5
Califasia, Manejo de aparelho cinematográfico	3
Matemática	1
Estatística	3
Francês	1
Ed. Física	4
Filosofia	3
Orientadora	1

Destacamos nessa relação o nome da professora Dinah Goulart, auxiliar direta do Dr. Arthur Ramos. Após a morte do intelectual quando a editora Casa do Estudante do Brasil começa a reeditar suas obras – que não completa – o livro "O Negro na Civilização Brasileira" recebe uma introdução de Richard Patte e a tradução da mesma é feita por Dinah Goulart

Na mesma listagem consta a Dra. Estefânia Soares, que fazia parte do corpo médico ligado ao Serviço, com o nome ressaltado por Arthur Ramos na Introdução do Livro "A Criança Problema". Consta outro médico na listagem, e, ao todo, 20 professoras fazem cursos junto ao Serviço de Higiene Mental.

Seus professores também freqüentam os diversos cursos indicados pela Diretoria de Instrução Pública, funcionando a escola em dois turnos.

Da escola Estados Unidos - 4ª experimental[34], também foram meticulosamente relacionados os professores e os cursos. No quadro síntese da escola observamos a diversificação de cursos freqüentados, ainda que comparativamente à escola Argentina é maior o nº de professoras que não declaram fazer algum curso.

1º Turno

Nome	Curso	Dias	Hora	
Áurea Marinho de B. Leal	Desenho			
Alice Serqueira	Matemática			
Angélica Abelha de Miranda	_____	_____	_____	
Amélia Pereira	Desenho e Artes aplicadas			
Adelaide de Paivaa	Ortofrenia Estatística			
Brígida Vicente	Musica			
Cecília B. Ferreira Bittencourt	_____	_____	_____	
Cenyra Leal	Ortofrenia			
Dulco de Oliveira Leitão	Ed. Física			
Ecila da Cunha	Francês Estatística			
Edith Cabrita	Ortofrenia			
Emilia Pereira	Ed. Física Musica			
Floripes Barbosa da rocha	_____	_____	_____	
Haydée César Dias	História das Ciências Museus e laboratórios			
Hilda Isonsée Correia	_____	_____	_____	
Leopoldina G. Santos	Ciências sociais			
Lourdes Reis Montzingon	Califasia			
Maria Rosaly dos R. Pereira	Hist. Das Ciências Museus			
Maria de Lourdes Nolasco	Musica			
Nair de Oliveira Tarré	Hist. Das Ciências Museus e Laboratórios Desenho			

Nair Nunes da Fonseca	Ciências físicas			
Olívia Braga Ktzinger	Ortofrenia			
Orcelina da Costa Guimarães	Ciências sociais			
Thereza Dias de Souza	Ciências físicas Museus e Laboratórios			
Yvonne Machado	Ortofrenia			
Neusa Siqueira Pinro	Escola de Professores	Diariamente		

2º turno

NOME	CURSO	DIAS	HORA	
Albertina Geyer	_____	_____	_____	
Alice Alves Paraíso	Ciências Físicas			
Aracy dos Santos Cabral	Desenho e Artes aplicadas			
Arlete Correa da silva	Ed. Física			
Cleópatra da Conceição Dias	Ortofrenia Espanhol			
Darclea Marins	_____--	_____	_____	
Diva Isonsée	Ortofrenia			
Dulce câmara d'assunção	_____	_____	_____	
Eulina soares	Califasia			
Eurydice Legoy	_____	_____	_____	
Francisca de Carvalho	_____	_____	_____	
Gilda Marins	_____	_____	_____	
Helvécia Teixeira	Califasia Francês Inglês			
Jahyra Fausto de Souza	_____	_____	_____	
Lavinia Ferreira Chaves	_____	_____		
Maria magdalena de Sá	Ed. Fiseca Cinema educativo			
Maria helena Figueiredo	_____	_____		
Maria Lydia de Mello Alvim	Maemática Ortofrenia Hespanhol			
Marieta Mulé	Ed. Física			
Maria Benevenuto de Lima	Ed. Física			

Maria Bento de faria	Ortofrenia Francês			
Odette Lecques	_____	_____		
Teresa turino	Historia da Civilização	_____		
Ofélia de Avelar barros	Orientadoras			
Aixa de Queiroz Sampaio	Música Canto Orfeônico			
Carmem Silva	Ed. Física Cinema educativo Inglês			
Chrysa Bittencourt Coelho	_____			
Flora Muniz Albuquerque	Ciências físicas			
Juacy Meirelles	_____			

Curso	Nºde professoras
Desenho	3
Matemática	2
Ortofrenia	9
Estatística	2
Música/Canto Orfeônico	5
Ed. Física	7
Francês	3
História das Ciências, Museus e Laboratórios	4
Ciências Sociais	2
Califasia e Cinema Educativo	5
Ciências Físicas	4

Porém, como ter o "controle" da apropriação que cada um faz das orientações centrais vindas do próprio Arthur Ramos e a maneira própria de cada intervenção? Como mudar práticas arraigadas no cotidiano dos lares e das escolas?

Arthur Ramos escreve "Esplendor e Decadência da Palmatória" no artigo "Através de Revistas e Jornais", publicado em dezembro de 1944, na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, descrevendo como os castigos físicos, incluindo a palmatória, ainda eram fartamente utilizados como forma de disciplinar as crianças.

> Era difícil erradicar hábitos tão inveterados do sadismo de pais e professores. Infelizmente os castigos corporais não desapareceram nos processos educativos de nossos dias. Em certos lares desajustados, eles ainda constituem o remédio heróico. Em pleno Distrito Federal, o SOHM ainda consignaram coisas como estas, em plena população da capital: castigos por pancadas, bordoadas, chicotes, cabo de vassouras, tamancos, correias, tábuas, prisão em cafuas, amarrar a criança no pé da mesa, despir as crianças para impedi-las de sair de casa.[...] Uma informação que o SOHM recebeu consigna o castigo de bola de cera, que teria sido usado no interior de São Paulo...[...] As observações do Serviço registram castigos ainda hoje empregados no Distrito Federal: ficar de joelhos (observação de 1938); por a criança de pé virada para parede; privação de merenda; puxões de orelhas; ajoelhar no milho.
> É de justiça consignar, porém, que na maioria das escolas os castigos corporais têm sido substituídos por castigos "morais", embora alguns sejam de conseqüência tão desastrosa quanto o primeiro. [...]
> Quero deixar assinalado, por fim, que encontrei, em pleno coração de Niterói, em 1938, uma curiosa casa de negócios que vendia os mais esquisitos objetos: "material" de macumba, ervas e defumadores, objetos de "despachos" e palmatórias a dúzias e de todos os feitios, e com longa vendagem...Ainda há consumo de palmatórias, no Brasil, para as escolas e para os lares...(p.457)

Ramos denuncia esses fatos nas observações feitas pelo Serviço, e baliza J.J. Rousseau como o início de uma nova era pedagógica, quando a grita contra os castigos físicos foi quase unânime; com filósofos e pedagogos advogando a substituição dos castigos corporais pela "liberdade bem regulada". Recupero a fala de Anísio e de Arthur na defesa da "liberdade vigiada". *"O corpo se tornou aquilo que está em jogo entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle"* (FOUCAULT, p. 83).

O fato de nenhuma ficha/inquérito ser assinada dificulta afirmar se as mesmas eram preenchidas somente pela professora diretamente ligada ao Serviço, se passava pelo médico para o exame propriamente clínico, se a mesma professora fazia a visita domiciliar, etc., qual o caminho percorrido pela escola. Algumas fichas são extensivas, outras curtas, algumas contém anotações de meses cuidadosamente marcadas, outras não há nenhuma indicação do término do atendimento, da orientação dada, do "destino" da criança.

> Uma carta privada pode bem ter um signatário, mas não tem um autor; um contrato pode ter um fiador, mas não tem um autor. Um texto anônimo que lê parede da rua terá um redator, mas não terá um autor. A função do é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. (FOUCAULT, 1992, p.46)

As fichas/inquérito, assim entendidas, têm relatores, mas não têm autores. O único a ocupar o lugar de autor é Arthur Ramos quando escreve o livro "A Criança Problema".

Todavia, mesmo a escrita de um relator tem um movimento que produz efeitos. Duas fichas nos trazem o movimento da escrita das professoras, ocupando o lugar de mediadores das falas e, na maioria dos registros, deixando clara a maior preocupação com a "fala" em si, isto é, "as palavras proferidas" por algum familiar ou pela criança, do que "por quem fala" e os possíveis sentidos que possam emanar do que é dito. O enunciado não é considerado.

Escola General Trompowsky ----------1937----------ficha 92
Nome: Charles Hinds ----------10 anos, americano, naturalizado brasileiro.
Problema: filho único, mentira, furto.
Residência: Rua: Ronald Carvalho, 5/7 apto. 94.
OBS: disse a auxiliar do Serviço de Antropometria que a mãe era aviadora, o pai dono do Esceter
(navio porta-aviões) e também das lâmpadas Mazzda, e que ele já tinha ido várias vezes no EEUU, em avião da PANAIR. Endereço que reside nos Estados Unidos: Park Avenue.

Família:
- pai: Samuel Hinds (falecido em 1930) com 38 anos, americano do Norte, mecânico, magro e alto, calmo- doença renal sem diagnóstico preciso.
- mãe: Betty Hinds, 30 anos, doméstica (menos lavar roupa), gorda e baixa, parda, olhos pretos, cabelos característicos, temperamento sensível, desconfiadíssima. Até hoje nada teve. Só teve um filho.
OBS: bateu muito no filho, até a dois anos atrás, mas pela intervenção do padrinho deixou de castigá-lo. Os motivos: desobediência, mentira.
OBSERVAÇÃO DA VIDA SOCIAL
Padrinho: americano, com quem moram. Químico. Apartamento com livros nas estantes e fotografias da família. Deve ser pessoa de bom meio social. Exerce grande influência sobre a criança, sendo a única pessoa em quem o menino confia e respeita.
AMBIENTE FAMILIAR: Casa alugada, esquina com Av. Atlântica, bom aspecto, tipo apartamento. O menino dorme em cama no quarto da mãe; não há jardins ou pátio para brincar; boas condições de aeração e iluminação; não passeia, divertimento preferido: cinema.
HISTÓRIA OBSTÉTRICA: Normal, alimentou-se ao seio até 14 meses.
DESENVOLVIMENTO: Falou aos 3 anos (fala inglês e português)
ALIMENTAÇÃO: boa
BRINQUEDOS: até os três anos a mãe não permitia que brincasse com ninguém. Um médico aconselhou viver com outras crianças.
OBS: não admite que menino bata em menina; não há hora para recreação e explode na escola; tendência a dominar.
VIDA SEXUAL: já foi surpreendido com colega no Gabinete Dentário; desenha pornografia, os desenhos são esquemáticos.
VIDA NA ESCOLA: desobediente, tendência a dominar, atormenta os colegas, não chora com facilidade, muitas mentiras, furto.
TEMPERAMENTO: Preto, cabelos pretos e anelados.

CARATER: sociável, agitado, valente, agressivo, irascível, mentiroso, orgulhoso, desconfiado, fanfarrão, barulhento.
APRENDIZAGEM: fácil, mas não quer estudar.
SAÚDE: preto, altura 1, 40, pesa 37, 70, menino acima do normal, construção física equivalente há 14 anos.
OBSERVAÇÕES GERAIS: em entrevista a mãe faz crítica à escolarização brasileira, dizendo que não pretende que o filho acabe os estudos no Brasil e sim nos Estados Unidos.
Respondi: procuramos demonstrar que ela estava sendo injusta em relação ao nosso país e que todos esses defeitos que ela via no nosso sistema educacional eram resultado das lições que vinham dos Estados Unidos.

8/5/39 (?) – OBS: "A senhora nunca vai conseguir que minha mãe deixe de me bater, porque ela apanhou muito quando era pequena, trouxe isso o resto da vida e quer fazer comigo o que fizeram com ela".

Na fala acima não é sequer percebido *"o adulto no corpo da criança"* (Martins, 1997, p.130). *Ilusão cruel que cria a possibilidade de ser criança, para ocupá-la com os encargos do trabalho, da família, e as preocupações do adulto, para negá-la. (ibidem)*

Há descompasso entre escola-família na ficha nº 92 da Escola General Trompowsky. Menino, 10 anos, americano naturalizado brasileiro, morador de Copacabana, fichado por mentir. Na entrevista, feita na escola, a mãe diz "*não pretendo que meu filho acabe os estudos no Brasil e sim nos Estados Unidos*". A entrevistadora anota: *"procuramos demonstrar que ela estava sendo injusta em relação ao nosso país e que todos esses defeitos que ela via no nosso sistema educacional eram resultado das lições que vinham dos Estados Unidos"*. (Fonte: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional)

Outro aspecto apresentado na ficha permite perceber os modelos discursivos da época, naquilo que é anotado na parte de "temperamento". Na ficha lemos: "preto, cabelos pretos e anelados". Na mesma ficha lemos como "caráter": "sociável, agitado, valente, agressivo, mentiroso, orgulhoso, desconfiado, fanfarrão, barulhento". Adjetivos antagônicos, como se a cada momento da observação o "comportamento" fosse anotado no calor da hora. As crianças são vistas e descritas não em sua totalidade, mas como unidades parceladas, como peças de um "quebra-cabeça".

Ainda buscando perceber as diferenças na operação escrituraria das professoras trazemos uma ficha que se diferencia da colocada acima pela maneira como estão feitas as anotações. Das fichas/inquérito arroladas é um das poucas onde encontramos perguntas de encaminhamento. A ficha abaixo está manuscrita (a grande maioria é

datilografada) e a letra é bastante legível, mas, como as demais, não têm assinatura. Nesta não consta nem o nome da Escola Experimental onde a criança estudava. A ficha/inquérito não obedece de maneira tão formal o preenchimento das informações como a maioria. É uma ficha que traz aspectos mais qualitativos.

M*arcelo Carvalho de Azevedo – 13 anos*

Nasceu a 15 de dezembro de 1923. É o primeiro filho do casal. Tem uma irmã que nasceu 3 anos depois. Quinze dias após o nascimento foi levado ao pediatra que o acompanhou até 6 anos de idade. Os intestinos funcionam otimamente.
Gordo e rosado tinha aspecto sadio. Teve febre pela primeira vez aos dois anos e meio, teve coqueluche muito branda.
Aos 7 anos foi fichado na Clinica Oscar Clark quando aconselharam operação das amigdalas.
Ao completar 11 anos teve sarampo, havia terminado o curso primário.
Em março de 1935 tem pielite, provavelmente das amigdalas, disse o medico.
Em agosto de 1936, como continuasse se resfriando com freqüência, tendo corisa constante, foi aconselhado, por especialistas da garganta, operação imediata. Foram extraidas amigdalas e adenóides.
Pouco antes de ser operado notamos por 2 ou 3 meses manifestações nervosas – palidez súbita, mãos frias, etc. O médico da família receitou Colomy e Luifoganglina Mafoi. Em setembro, indo a Igreja assistir a comunhão de seu primo, sentiu-se muito mal: palidez, movimentos descontrolados de braços e pernas, elevando acima da cabeça o braço direito e jogando para frente a perna do mesmo lado e uma aflição que não sabia explicar.
Levei-o nesta ocasião a um especialista de moléstias nervosas que disse tratar-se de transição da idade agravada por uma tara hereditária. (Um tio paterno, cliente do citado médico e extremamente nervoso, quase neurastênico).
Foram receitadas 10 ampolas de Neo I. C. J de 0,10 cent. , 2 vezes por semana; Neuritan 2 vezes ao dia e Halverin, 10 gotas. Em cada refeição. O exame de fezes foi negativo.
Agora as crises são mais rápidas. Marcelo é alegre e bem disposto. Continuou a freqüentar o colégio, saindo em novembro duas vezes em meio da aula por sentir ameaço.
Em princípios de dezembro acordou indisposto, não podendo erguer a cabeça e quando sentou tornou a sentar-se apressadamente dizendo não poder se firmar nas pernas. Passou o dia deitado e foi acometido de outra crise, alias rápida.
A 16 de dezembro visitando a exposição de desenho do Instituto de Educação, percebi ao entrar no recinto, que sua fisionomia de alterara. *Pouco depois fomos obrigados a sair, passando tudo repentinamente.*

3 de fevereiro – acordou indisposto e a tarde, numa reunião de crianças, em casa de parentes, teve crise mais forte. Atribui a aglomeração e aos comentários que naturalmente ouviu sobre o tio nervoso.

De pequeno percebemos seu temperamento emotivo. Era um tanto indeciso e assustadiço.
Foi sempre meu aluno na escola primaria. Bem humorado, brincalhão, cumpria seus deveres de boa vontade, dava-se com todos os colegas que o chamavam "palhaço da classe". Tanto brincava com os meninos, como com as meninas que tinham grande predileção por ele. Nunca percebi malicia em suas atitudes. Foi sempre sincero dizendo a verdade com desassombro. Ingênuo, procurava-me para elucidar alguma duvida satisfazendo-se com explicações dadas.

Habituando-se a trabalhar sempre com os colegas, talvez devido ao método adotado na escola, que hoje nada faz sem um companheiro para auxiliar e trocar idéias. Tem muitos amigos e gosta bastante de brincar. Tem grande predileção pelos animais. Cria canários, periquitos, galinhas, patos, porquinho da Índia. Estima muito um cãozinho Fox que criou de pequenino.

Muito novo ainda revelou grande aptidão para os esportes. Aos 4 anos andou desembaraçadamente de bicicleta. Com o primeiro patins nos pés andou facilmente. Aos nove iniciou o tênis e aos 11 ganhou 2 torneios. Abandonou há um ano por não querer se sujeitar aos treinos obrigatórios.

Deixou de freqüentar o Club Tijuca Tênis de onde é sócio; suponho que por quererem que ele aprendesse a nadar na piscina.

Tomou medo do mar desde que prendeu um pé num banho em Icaraí.

Aos 11 anos entrou para o curso ginasial do Instituo La-Fayette. A principio estranhou muito a atitude dos professores. Bem depressa se habituou ao novo ambiente. Freqüentava em 1935 o cinema escolar. quando de uma feita, incendiou-se a tela causando pânico entre os alunos que atropelados fugiram apavorados. Nunca mais Marcelo foi ao cinema do colégio e a custo conseguimos levá-lo a qualquer outra diversão; prefere sempre ficar em casa brincando com os companheiros.

No colégio tem ótimo comportamento. Aprecia as travessuras dos colegas, mas não toma parte. È alegre, gosta de cantar e reproduzir anedotas que ouve*. Não é muito estudioso, acha suficiente prestar atenção as explicações dos professores, mas não deixa de cumprir os seus deveres. Não se altera com as provas parciais e fica satisfeito com o que faz. Prefere prova oral a escrita. Chora facilmente. É respeitador e delicado, mas implica muito com a irmã. Gosta muito de criancinhas, de música, de desenho e de livros, assimilando bem o que lê. Tem espírito religioso. Vai à missa aos domingos. Tem preferência pela Igreja de São Sebastião. (6-1-1936)*

17-1-37 – Com o intuito de eliminar ou pelo menos atenuar o nervosismo que de Marcelo se apodera quando varia o ambiente, ***convenci-o de ir ao cinema numa tarde de domingo,*** *onde exibiam uma fita alegre, toda colorida e que podia agradá-lo. Ao entrar no recinto, quando esperávamos o inicio da sessão, já sua expressão se alterara. Leveio-o depois a ver de longe o final do filme que causava hilaridade. Marcelo esforçava-se para assistir, mas a movimentação e vozerio da criançada na platéia aumentava sua indisposição e cada vez me apertando mais o braço e empalidecendo, pediu-me para sair. Apenas descemos dois ou três degraus que nos levavam a sala de espera, Marcelo restabeleceu-se como que por encanto pedindo-me para ir só a S. Cristovam, em casa da avó.*

Todo mês de janeiro passou com ligeiros ameaços. Tem brincado muito e jogado foot-baal.

À noite reune em casa os companheiros*, meninos e meninas, da vizinhança jogando cartas ou vários jogos de salão, do que é grande apreciador. Raras vezes se tem sentido mal quando brinca, queixando-se, entretanto quando esta sem distração.*

Fevereiro – desejou fantasiar-se pelo carnaval, o que estranhei. Indo com ele a cidade para satisfazê-lo, notei, logo ao sair de casa que sua fisionomia já se alterara. Chegando a cidade já desistira da compra, recusando-se a entrar nos estabelecimentos, creio que devido à aglomeração. Tornou-se pálido, de mãos frias e quando, sem dar-lhe muita atenção, tomei o elevador da "Capital", o menino começou a movimentar os braços e com os olhos cheios de lágrimas pediu-me para voltar, nada querendo comprar mais.

Mais uma vez observei sua indecisão, o "querer e não querer", o acompanha sempre.

O pai que nos acompanhava, achou conveniente forçá-lo a comprar qualquer coisa, já que havia saído para esse fim. *Observou meu marido que o menino geralmente procura atormentar-me. Entretanto quando me vê contrariada e algumas vezes triste, torna-se carinhoso e procura agradar-me muito.*

É digno de nota a mudança brusca que se opera nesta criança. Ainda nesta tarde, observei que Marcelo, com a decisão do pai, fazendo-o comprar o que desejava tornou-se calmo, entrou numa casa de brinquedos onde esteve jogando (foot-ball de mesa) e voltou para casa muito

satisfeito. No dia imediato, domingo de carnaval, houve um baile infantil a fantasia em casa de um amiguinho que fazia anos.
Marcelo brincou muito, cantou, fez cordão, divertindo-se a valer com os companheiros que atualmente são muitos.

15 de fevereiro – tenho observado ligeiras alterações nestes últimos dias. Hoje, brincava no quintal e entrou em casa para tomar água assucarada, o que faz de quando em vez, dei que quando não se sente muito bem. Indagando eu porque assim sucedia, mostrou-me as mãos tremulas e frias, dizendo-me que não tinha importância, isso ele sentia de quando em vez.

Devo continuar o tratamento clinico?
A operação de garganta teria influencia?

Grifamos partes que inferimos serem informações de observações feitas por pessoas e situações diferenciadas. Observações de parentes: mãe, pai, avó, irmão(ã). Em vários tópicos percebemos as observações anotadas são feitas por professores(as). Fica a pergunta: quem faz as duas perguntas que terminam a ficha?

Chartier (2002) desenvolvendo a noção de cultura gráfica, entendida como prática cultural, define

> o conjunto dos objetos escritos e das práticas de que são provenientes. Ela restabelece assim os elos que existem entre as diferentes formas da escrita: manuscrita, epigráfica, pintada ou impressa; e identifica a pluralidade dos usos (políticos, administrativos, religiosos, literários, privados, etc.) dos quais o escrito, em suas diversas materialidades, está investido. (p. 78)

As fontes primárias, formadas pelas fichas/inquéritos, sobre o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental formam um mosaico de cultura gráfica que desafia o pesquisador na sua ação de dar-lhe inteligibilidade, pois ainda que num primeiro olhar possam ser idênticas, já que vinham das escolas experimentais e de profissionais que tinham a mesma orientação, não são idênticas.

> Evidentemente não, uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropriar. (CHARTIER, 2009, p.20).

O "detalhe" de nenhum inquérito ser assinado, ainda segundo Chartier (2002).

> tem como *"conseqüência o desaparecimento da "função-autor" (para retomar a expressão de Foucault), Isto é, a atribuição da obra ou das obras presentes em um mesmo livro a um nome próprio identificável em sua singularidade* (p.93).

2.4- As Escolas Experimentais: iguais e diferentes

Ainda que conhecidas como "escolas experimentais", é preciso nuançar a própria ideia de "escola experimental". Experimental pode ser compreendido a partir da ideia de lugar de novas experiências. Ao trabalhar com o conceito de experiência, reforça-se como base a percepção de que os esforços empreendidos eram para mudar práticas, e só se mudam práticas pelo atravessamento de novas experiências, sua incorporação ao cotidiano escolar, sua "naturalização".

As escolas são criadas na administração de Anísio Teixeira por intermédio do Decreto nº 3.763 de 1 de fevereiro de 1932. Todavia, como diz Miriam Waidernfeld Chaves práticas educativas já ocorriam no cotidiano das escolas, todas têm uma história anterior, *"um passado",* que obriga a pensá-las como um encontro de novas práticas educacionais com práticas já existentes e não como um momento de ruptura radical que tiraria de cena tudo que fosse considerado ultrapassado.

Pesquisadores chamam as escolas de "laboratórios" aproximando o conceito de "experimentais" ao de "experimentos". Considero mais apropriado aproximar o conceito de "experimentais" ao de "experiência". Segundo Thompson (1981), por meio do:

> Parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis de regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a "genética" de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto (p. 189).

Uma nova educação com novos métodos, novas formas organizativas administrativas e também pedagógicas, dando ênfase a um salto qualitativo na relação da escola com a cidade. Precisavam as professoras vivenciar novas experiências, e delas

incorporar e naturalizar novas maneiras de pensar a ação educativa, sem, contudo, abrir mão os administradores de controle.

Diz Anísio Teixeira em seu discurso de posse:

> [...] A obra que temos de realizar é a obra anônima de todos nós, que nos devemos esquecer de nós mesmos para tornar a nossa colaboração mais solidária e mais fiel.E nesse trabalho de cooperação, a hierarquia segue o caminho oposto ao da criação intelectual do plano, que foi o trabalho de nossos antecessores. O diretor do serviço educacional é, agora, um modesto operário. O mestre é quem realiza a obra de educação. O diretor é o simples servidor do mestre. Toda a administração não tem outro fim que o de dispor as condições de êxito para a obra que é só do mestre: educar. (NUNES, 2000, p. 230)

Para Nunes (2000):

> a sua ênfase na importância do professor, dentro da reforma que pretendia realizar, não era apenas o efeito de uma retórica oportunista. Com habilidade, transferia a autoridade dos experimentos para as conclusões dos inquéritos e convidava todos à realização de uma tarefa comum (p.230).

A retórica pode não ser oportunista, mas é de sedução e convencimento. As ações desenvolvidas nas escolas, calcadas em controle e ordenação mostrariam as contradições do discurso. Em um aspecto Anísio tinha toda razão: não há projeto de educação que se consolide e ganhe o cotidiano das escolas se não for incorporado pelas mesmas e por aqueles os quais em seu chão trabalham.

As escolas, até onde as fontes nos indicam, são escolhidas pelo apoio de suas direções ao projeto mais amplo, e pelo conjunto de profissionais, das mesmas, envolvidos no processo de observação e acompanhamento das crianças e das famílias, não passando necessariamente pelo critério da estrutura arquitetônica implantada por Anísio Teixeira para as escolas públicas.

Pelo menos uma das diretoras, a Profa. Juracy Silveira foi uma ativa participante da Associação Brasileira de Educação (ABE) onde no período havia um forte grupo que discutia as propostas levadas por Anísio à frente da Diretoria de Instrução Pública.

> Os prédios escolares construídos nesse período compreendiam programas arquitetônicos distintos (Mínimo, Nuclear, Platoon de 12, de 16, de 25 classes e Playgroud ou “escola-parque” [...]. Por meio da

> arquitetura dessas escolas, Anísio Teixeira procurava expressar o próprio sentido da educação que desejava implantar com a sua reforma: um projeto de renovação cultural pela educação. (DÓREA, p.1-mimeo)

Das seis "escolas experimentais" em relação ao espaço arquitetônico três tiveram seus prédios incorporados ao projeto arquitetônico da administração anisiana. As demais (três) tiveram seus prédios restaurados e mantidos seus estilos arquitetônicos. Essas escolas, de acordo com os projetos, ficaram assim organizadas:

Tipo Nuclear de 12 classes – Infante Dom Henrique, antiga General Trompowsky.

Tipo Platoom de 12 salas – México, antiga Basílio da Gama

Tipo Platoom de 25 classes – Argentina

A escola Bárbara Otonni, Manuel Bonfim, Estados Unidos, mantiveram sua arquitetura original. A escola Manuel Bonfim teve seu prédio derrubado para construção de outro na década de 1960, não havendo preservação de sua história no período em foco.

Retomando a metáfora muito utilizada de "laboratório" para abordar o período anisiano na Capital da República, devido ao seu uso em discursos do próprio educador, ou pela maneira como foram chamadas as seis escolas priorizadas para implantar os projetos pedagógicos que modificariam seu cotidiano - "experimentais" –, a documentação vinda das escolas provocou um quê de inquietação. Frases aqui ou acolá em documentos, relatórios, ordens de serviço, reafirmavam o conceito de experiência.

O relatório feito pela primeira escola experimental – Bárbara Otonni -; entrevistas da Sra. Juracy Silveira; as respostas das professoras da escola Manuel Bonfim, deram-me outra perspectiva para compreender o proposto as escolas e como lidavam no seu dia-a-dia com o que lhes chegava.

Vejamos parte do relatório da 1ª Escola Experimental Bárbara Otonni, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, número 54, do INEP, escrito pela professora Helena Moreira Guimarães[35].

> Em junho de 1932, sob os auspícios da administração Anísio Teixeira, foi fundada a Primeira Escola Experimental do Distrito Federal, que constaria de duas Secções: - a Secção chamada Experimental, que funcionaria na Escola Bárbara Ottoni, e a de tipo comum, funcionando

> na Escola Benedito Ottoni, que serviria como fator de referência a primeira.
> Logo em 1933, foi esta organização alterada, regressando a Escola Benedito Ottoni à sua circunscrição e passando a Bárbara Ottoni a constituir, somente ela, a Primeira Escola Experimental.
> Sem instalações especiais, ou sequer adaptadas, dispondo de material comum, inclusive o humano, que não havia sofrido nenhuma seleção, lançamo-nos na mais ousada aventura da nossa vida de magistério, apoiada por um grupo de professoras indicadas pela proficiência de D. Arteobella Frederico.
> E aqui cabe um voto de louvor aos nossos pequeninos colaboradores, as crianças, cujas atividades devemos muitas das modificações alcançadas na escola. Desejo frisar aqui que, se me refiro desse modo à falta de instalações adequadas ao trabalho que nos incumbia realizar, não é absolutamente com o intuito de valorizar nossa atuação ou desculpar-lhe as falhas, naturalmente numerosas, mas unicamente para dar valor às conclusões, favoráveis ou não. (p. 43)

Inicialmente a escola tinha cinco turmas: duas de 1º ano, duas de 2º ano e uma de 3º ano. Cada turma constituída de trinta (30) alunos, no máximo. Em 1935, segundo o relatório, em março, a distribuição era outra.

SÈRIES	Nº de alunos
1º ano	33 alunos
2º ano	34 alunos
3º ano	36 alunos
4º ano	40 alunos
5] ano	36 alunos

Narrativa da professora Helena Guimarães*: "os grupos de 4º e 5º anos iam sendo constituídos de antigos alunos do 3º, aos quais se vinham reunir crianças de outras escolas" (p.44)*. Continuando a descrever o trabalho escreve que *"de início, nenhum teste de inteligência foi aplicado, nenhuma homegeização tentada. Recebemos o material em bruto, misturado, tal como existe na vida. Era com ele que devíamos tentar a experiência"*. (p.44)

O que significa a prática do "método" pedagógico implementado pelas professoras da Escola Bárbara Ottoni? A diretora de então é clara ao dizer: "*administração desejava que nela se aplicasse o método de projetos*", continuando descreve a situação as escolas e dos envolvidos: "*para isto dispúnhamos das crianças e*

da boa vontade das professoras. O resto, inclusive mobiliário adequado, viria depois. Tínhamos que fazer o nosso ambiente, que construir a nossa vida" (p.44).

Como fazer? Parece ser esse o impasse que nos chega desse passado. Optam por começar pelas crianças, fazendo levantamento – sem sugerir abertamente – qual trabalho gostariam de fazer, de fato.

> Todas as atividades das crianças dirigiram-se, então, às atividades manuais. Nos primeiros tempos de sua vida sofriam grande influência do meio. E então surgiram os primeiros projetos: fazer uma horta, construir uma casa, fazer uma mobília, fazer um brinquedo. [...] E sofríamos a natural impaciência do adulto que acha mais fácil fazer ou ensinar. E aqui reside, a meu ver a maior dificuldade em uma escola do tipo da nossa. [...] Liberdade tínhamos nós na execução dos programas oficiais, que poderiam ou não ser cumpridos. (GUIMARÃES, 1954, 44-5)

Buscando estabelecer aproximação com o pensamento pedagógico do Diretor Geral de Instrução Pública, a diretora Helena Guimarães argumenta.

> Uma cousa porém, deve ficar clara: não estávamos desatentas às atividades das crianças, não as abandonávamos aos seus caprichos, permitindo-lhes cometer erros evidentemente inúteis.
> Realmente, 'só uma falsa atitude do educador é que pode conduzir à organização de escolas cujo centro sejam os capricho, a incerteza, a inconstância, a extravagância infantil, isto é, tudo que na criança define seus limites e as suas inferioridades', diz o grande educador Anísio Teixeira (p.45)

Difícil argumentar a prática local quando está relacionada com o projeto amplo de um intelectual ocupando um lugar que, concretamente e simbolicamente, significa um poder que se coloca acima e diante do qual se precisa "prestar contas" da experiência vivida. É uma relação entre desiguais.

> Um conceito de "experiência próxima" é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam, etc.. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de "experiência-distante' é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnólogo, ou até um

> padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo objetivos científicos, filosóficos, ou práticos. (GEERTZ,1983, p. 87)

Como ter alguma certeza do acerto do caminhar? Nos anos de 1930 os profissionais da Escola Bárbara Ottoni optaram pela comparação com o trabalho desenvolvido pela 4ª Escola Experimental Manuel Bonfim, que diferentemente não havia sido orientada a trabalhar com o "método de projetos" e sim com o Plano Dalton.

> No fim de cada ano costumávamos, então, fazer o resumo do trabalho da turma, do qual constavam todas as questões do trabalho da turma, do qual constavam todas as questões realmente abordadas, assim como as atividades decorrentes. Esta sim representava a matéria dominada pelo grupo. Costumávamos, então, fazer o confronto entre esta matéria e os programas oficiais e tivemos oportunidade de verificar que, em média, ficavam estes últimos cobertos [...] procurávamos, neste setor, estabelecer comparação com os resultados obtidos na Escola Manoel Bonfim, onde sob a direção da professora Maria Madalena S. Carregal, se experimentava o "Plano Dalton". (GUIMARÃES, 1954, p.49)

Na conclusão do Relatório Helena Guimarães elenca quatro observações. Destaco a quarta, pela aproximação que encontrei com resposta dada pela Profa. Dulce Goulard, da Escola Manuel Bonfim, e pela atualidade da argumentação.

> Para uma realização mais eficiente e satisfatória são necessárias classes pequenas; os grupos numerosos dificultam o trabalho do professor visto que, o que se pretende é educar, é permitir ao aluno a plena expansão de sua personalidade, promovendo e dirigindo o harmonioso desenvolvimento de todas as suas qualidades. (p.51)

Arquitetonicamente a Escola Bárbara Otoni, situada no bairro do Maracanã – lugar onde permanece – não se enquadra ao Projeto Arquitetônico das Escolas Platoons do qual dentro da Reforma Anísio Teixeira fizeram parte.

Como nos mostraram as imagens outras Escolas Experimentais também não compunham o conjunto arquitetônico anisiano. Re-ver através das imagens estas escolas, chamadas de experimentais, e reconhecê-las como espaços onde intensamente estava posto a realização prática do projeto educacional para a Capital, nos leva a

"tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem, ou de qualquer outra maneira" (Le Goff, 1992, p.540).

1ª Escola Experimental Escola Bárbara Otoni

Fig. 9- Escola Experimental Bárbara Otoni (1932) - Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro

A Escola Experimental Bárbara Otoni restaurada conserva as características arquitetônicas de época anterior às administrações mais debatidas no campo da História da Educação. constituindo-se em uma escola de educação infantil (Jardim da Infância).

Fig. 10 – Escola Experimental Bárbara Otoni - Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Fig.11- Escola Experimental nº 1 Bárbara Otoni – Acervo do Centro de Referência da Educação da Cidade do Rio de Janeiro –

Tendo sido a escola construída em 1922 (se a data está correta), estamos lidando com construção de prédios escolares anteriores a administração Antonio Carneiro Leão, pois no período em que Carneiro Leão estava á frente da Directoria de Instrução Pública nenhum prédio escolar foi construído.

> Utilizamos como fontes as fotografias dos prédios escolares, considerando-as "como uma representação a partir do real. Entretanto, em função da materialidade do registro [...] , vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos, como um documento do real, uma fonte histórica (KOSSOY, 2004, p. 31).

Havia preocupações com os prédios escolares na Capital da República, pois não possuía uma rede escolar digna do nome, com muitas das escolas ocupando prédios particulares alugados, referenciadas como as escolas casas.

Conhecidas pelo nome de seus donos como, por exemplo, Dona Olímpia, citadas tanto por Paschoal Leme em suas "Memórias" (2004), como por Clarice Nunes (2000) em "Anísio Teixeira – a poesia em ação". Sob a orientação de Fernando Azevedo, o modelo escolar arquitetônico "obedece" um certo padrão. Clarice Nunes (1996) indica.

> Com exceção da Escola Argentina e Uruguai, todas as outras escolas construídas na gestão de Fernando Azevedo, incluindo a Escola Normal, obedeceram ao modelo das plantas dos colégios, seminários ou residências jesuítas da Colônia, isto é, o da quadra com seu pátio interno circundado de galerias avarandadas, que faziam a circulação entre ambientes (p.185)

A 4ª escola experimental, Escola Estados Unidos, representa bem esse modelo escolar. Arquitetonicamente não faz parte do amplo projeto educacional anisiano, tendo seu prédio projetado por Nereu Sampaio e Gabriel Fernandes.

Sua construção ocorreu na administração do Prefeito Antônio Prado Junior (1926-1930) e do Diretor de Instrução Pública Fernando Azevedo.

Ainda que não se tenha dado preciso sobre a data exata do processo de sua construção, em dez de dezembro de 1929 foi criada a nona escola mista do Distrito Federal, instalada no prédio construído.

Ocupando uma área de 4.704 m2, seu estilo neoclássico é semelhante ao das escolas Uruguai e Sarmiento, com painéis de azulejo de 1930, assinados por Giovani Martinelli e produzidos pela Cerâmica Brasileira Américo e Jorge Ludoff.

Seu estilo arquitetônico aproxima-se do "Mission Style", com suas formas hispânicas que caracterizariam o estilo das missões espanholas na América.

> Na fachada, um arco cego é coroado com frontão triangular, curvilíneo, ladeado por duas compoteiras. No interior do arco, uma escultura em concreto pintado, tem a forma de uma fonte barroca. [...] O tratamento estilístico diferenciado de suas partes e a articulação dos volumes pretendem sugerir a idéia de um conjunto de prédios, recriando artificialmente uma rua da época colonial (Prefeitura do Rio de Janeiro, Riourbe, 1998, p.148)

Fig. 12 - Escola Experimental Estados Unidos - Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro

Fig. 13 – Escola Experimental Estados Unidos - Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Os painéis de azulejaria com mapas do Brasil têm uma função pedagógica, além de decorativa, produzem subjetividades ao recuperar e fazer presente até os dias atuais a tradição lusitana. Frente os painéis é impossível não lhes admirar a beleza. Se formos aos detalhes dos mesmos veremos a sensualidade no corpo retrato das índias, a virilidade dos índios, a punjante representação da flora e fauna. O "paraíso terreal", metáfora usada por Sergio Buarque de Holanda para descrever o deslumbramento dos primeiros colonizadores ao chegar às novas terras "achadas".

> De acordo com Antônio Cândido, um dos efeitos da predominância da noção de país novo nos textos latino-americanos até 1930 seria a vinculação da idéia de pátria à de natureza e, nesta contaminação geralmente eufórica entre a terra e a pátria, "a grandeza da segunda seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à primeira (CÂNDIDO, 1987,p.142 in HANSEN, p. 52 in MAGALDI & XAVIER, 2008)

Figura 14 – Escola Experimental Estados Unidos – Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Necessário destacar a magnitude da retórica patriótica na linguagem iconográfica, ressaltando-se o contraste entre as imagens "parasidíacas e exuberantes" da natureza e suas promessas de riqueza e grandeza frente aos brasileiros "indolentes" e "malandros".

Bourdieu (2009) na reflexão do conceito de campo social sinaliza o que tinha em vista explicitar sobre o conceito.

> na realidade, as lutas que têm lugar no campo intelectual têm poder simbólico como coisa em jogo, quer dizer, o que nelas está em jogo é o poder sobre um uso particular de uma categoria particular de sinais e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social (p. 72).

São de crianças consideradas "problemas", vindas dessas escolas a origem das fichas/inquérito utilizadas no livro "A Criança Problema". Arthur Ramos delas se apropria para exemplificar e dar força as suas argumentações teóricas, são seus dados empíricos. Contudo, são dados empíricos que no corpo da obra devemos lançar um olhar desconfiado, pois até chegarem ao livro as fichas passaram por inúmeras modificações.

Da Escola Estados Unidos vêm o maior nº de fichas: 63 ao todo. Estão presentes em quase todos os "problemas" apresentados pelo autor. Dentre as professoras da escola Estados Unidos freqüentadoras do Curso de Ortofrenia lemos o nome de Cenira Leal, diretamente ligada ao Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, responsável por esta articulação direta, tanto na Escola Estados Unidos como na Escola Argentina.

As "escolas experimentais" relacionadas ao SOHM instigam e desafiam o pesquisador. Na historiografia foi produzida uma "aura" de ações pedagógicas, senão iguais, muito semelhantes. Trazer o olhar para o mais próximo possível de cada uma, diminuindo a escala de observação, cria a possibilidade de desconstruir uma representação das mesmas que não corresponde ao quê de fato ocorria e sim ao quê se desejava que ocorresse.

A Escola México remete a uma situação ímpar dentro desse cenário. Mais conhecida pela figura histórica de sua primeira diretora – Profa. Juracy Silveira – ficou assim conhecida: a escola da Dona Juracy.

Porém, sua história começa em 1882, quando o Imperador D. Pedro II, comprou com donativos particulares, o terreno situado à Rua da Matriz, em Botafogo. Assim, D. Pedro II se representa:

> Sou dotado de algum talento; mas o que sei devo-o sobretudo a minha aplicação, sendo o estudo, a leitura e a educação de minhas filhas, que amo extremamente, meus principais divertimentos [...] nasci para consagrar-me às letras e às ciências. (MAUAD, In TEIXEIRA, 2006, p.21, mimeo)

Construída a escola, o próprio Imperador a sua inauguração compareceu, em 1º de janeiro de 1887, recebendo a mesma o nome de Basílio da Gama.

> [...] não sabemos o que levou Dom Pedro II a inaugurar pessoalmente essa escola em 1887. Talvez mais um ato oficial, uma determinação solene, mais um protocolo burocrático. Mas talvez, quem sabe, também um sentimento, uma vontade e um afeto, em todo caso, uma legítima vocação e uma história de profundos sentimentos pessoais. Pedro II como se sabe, amava os estudos, a leitura, era amigo dos livros, gostava de colecionar fotografias, tinha até uma luneta com a qual estudava os astros e suas posições no nosso céu tropical. (TEIXEIRA, 2000, p.21, mimeo)

Fig. 15 – Escola México -Acervo do Centro de Referência da Cidade do Rio de Janeiro.

Enquanto estrutura física a escola passaria por radical mudança que a transformaria em outra. O mesmo não acontecia e não aconteceu na subjetividade produzida nos e por aqueles que nela trabalharam, estudaram, freqüentaram. O centenário da Escola México, como nos disse sua atual diretora, foi comemorado em 1º de janeiro de 1997, quando sua inauguração somente se daria em 4 de maio de 1935, com o nome de "Escola Comercial México"

Originalmente a escola construída na Rua da Matriz, nº 11, tinha dois prédios. Um para meninos (149 alunos) e um para meninas (108), com dois diretores: Prof. Domingos José Lisboa e Profa. Carlinda Panasco de Araújo. Em Relatório publicado na Imprensa Nacional em 1984, elaborado pelo Diretor de Instrução Dr. Henrique Valadares, na Escola Basílio da Gama funcionava um curso noturno com 40 alunos.

Fig. 16- Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Para onde foram transferidos alunos e professores enquanto, na administração do interventor do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, em 1934 a Escola Basílio da Gama era demolida para dar lugar ao novo prédio, maior e mais moderno?

Provisoriamente são todos transferidos para o prédio situado na Rua São Clemente 109, em frente à Rua Bambina, nas dependências do Colégio Jacobina.

Fig. 17- Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro

Essa passagem da Escola Belisário Pena da Rua da Matriz para ocupar as dependências do Colégio Jacobina, de 1934 até 1935, confirma a impossibilidade de pensarmos a sociedade, os movimentos, instituições e relações grupais que dela fazem parte como blocos monolíticos.

O quê levaria a concordância dessa movimentação de uma escola pública que seria demolida para dar lugar a um prédio nos moldes anisianos de arquitetura, pela direção de um importante Colégio católico? Seus responsáveis – a família Lacombe – faziam parte do grupo católico em rompimento com a estrutura da ABE a partir das mudanças ocorridas com a Revolução de 1930, com os rumos tomados pela ABE em relação ao ensino religioso, pelos termos adotados no Manifesto dos Pioneiros da Educação, lançado em meados de 1932.

Marta M. Chagas Carvalho (1998) relata:

> Em dezembro de 1932, o grupo católico abandonou em massa a ABE. Sua força vinha diminuindo consideravelmente desde o final de 1931, quando em Assembléia Geral de outubro Anísio Teixeira e Carneiro Leão tinham sido eleitos presidentes. [...] a repolitização da questão educacional no Conselho Diretor, a crescente oposição dos católicos a Anísio Teixeira como Diretor Geral de Instrução Pública no Rio de Janeiro e a proximidade da Constituinte são ingredientes que, combinados, acabam por determinar o êxodo do grupo católico. (p.71)

Fig. 18- Turma de crianças da Escola Basílio da Gama, durante o período de permanência no Colégio Jacobina. Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Em nota (nº36) Marta M. Chagas Carvalho (1998, p.112-3) relaciona os nomes expressivos dos católicos que deixam a ABE, em sinal de protesto:

- Barbosa de Oliveira
- Isabel Jacobina Lacombe
-Décio Lyra da Silva
- Alice Carvalho de Mendonça
-Isabel Lacombe
-Maria Amélia Lacombe
-Alice Guimarães Roche
- Beatriz Guimarães Roche
- Emma Nogueira
- Flávio Lyra da Silva

- Carlotita Lyra da Silva
- Amélia de Rezende Martins
- Elisa M. Rezende
- Marietta Rezende
- Firmina Belfort Cerqueira
- Martins X. Silveira
- Álvaro Lessa
- Américo Lacombe

O que levaria a essa articulação entre dissidentes católicos dos quadros da ABE e uma entusiasta de Anísio Teixeira e suas propostas educacionais? Compreendemos que a saída da ABE não significou o rompimento completo com as propostas anisianas e o acolhimento da escola pública no colégio católico não deixa de ser uma boa estratégia de continuar a influenciar o campo educativo público.

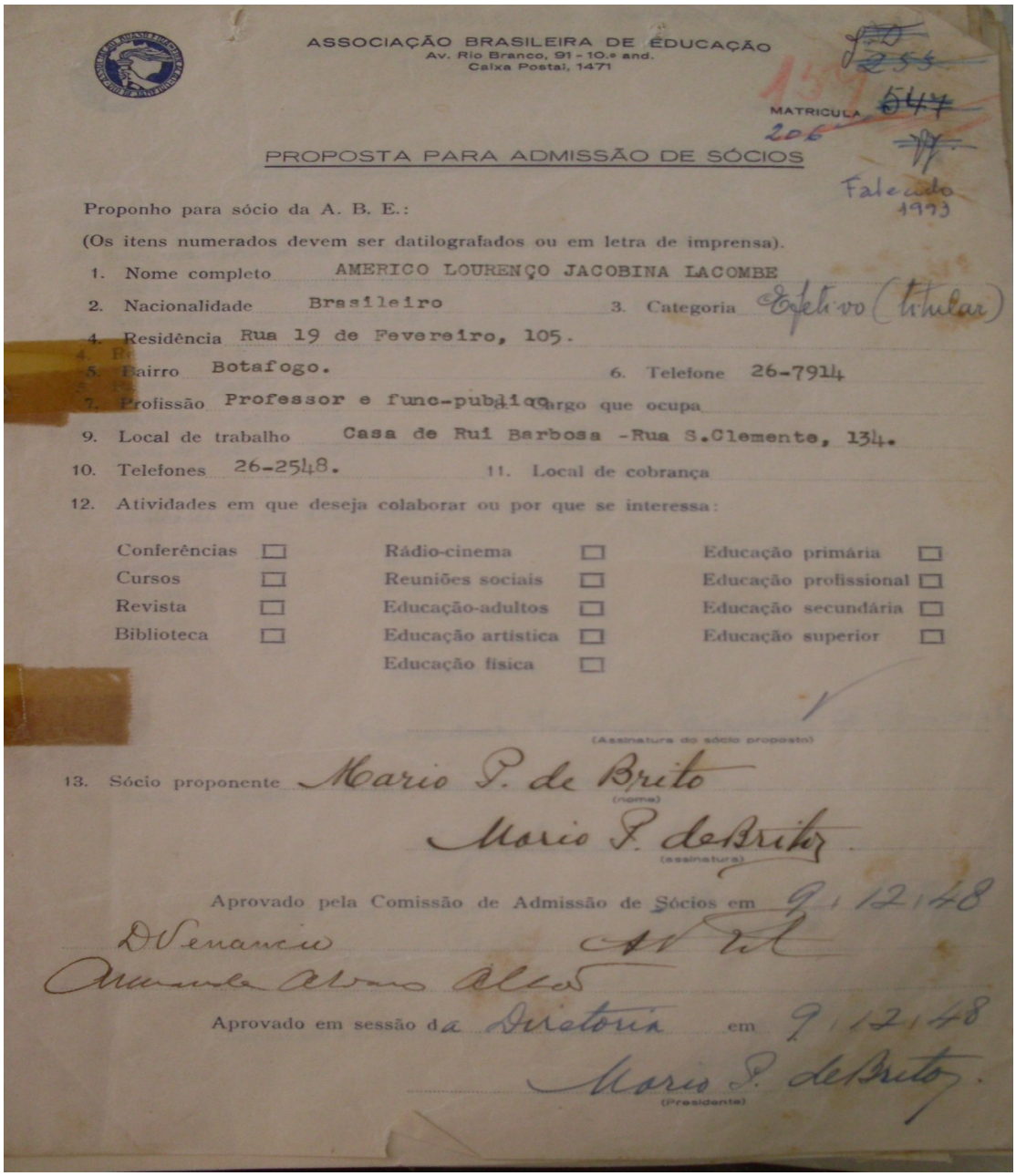
A Profa. Juracy Silveira viria a ser convidada por Anísio Teixeira por dirigir a Escola México, fazia parte da ABE, tinha uma forte participação no campo educativo, tinha publicações e era uma entusiasta das propostas anisianas, É conhecido seu livro chamado de "*O Sistema* ***Platoon*** *e a experiência da Escola México. 1935-1937.* Separata da Revista Infância e Juventude.

Ao assumir a Escola México empenha-se na implantação do sistema pedagógico "Platoon" (D. Juracy defendia que a arquitetura e o cotidiano pedagógico precisavam ser percebidos com um objetivo único) no cotidiano da mesma.

Hoje, o prédio, do antigo Colégio Jacobina, abriga o "Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro" com um marco de sua história na calçada frontal do prédio.

CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO
SÃO CLEMENTE 117, ANTIGO 109
"Antigo Colégio Jacobina que "acolheu" alunos, professores, funcionários da Escola Belisário Pena, durante sua demolição
Que deu origem a Escola México

Como o movimento da sociedade não é linear, nem há repetições tendo como base o mesmo motivo, já era outra a conjuntura social, política em 1948, e a própria Associação Brasileira de Educação (ABE) não era a mesma, quando Américo Lacombe retorna como sócio. Proponente Mario P. de Brito e aprovação do Dr. Venâncio Cardoso e da Profa. Armanda Álvaro Alberto. Curiosamente, diferente de outras propostas de sócios, que por vezes levavam até seis meses para serem aprovadas, a de Américo Lacombe tem data de apresentação e aprovação idênticas.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO
Av. Rio Branco, 91 - 10.º and.
Caixa Postal, 1471

MATRICULA 206

PROPOSTA PARA ADMISSÃO DE SÓCIOS

Falecido 1973

Proponho para sócio da A. B. E.:

(Os itens numerados devem ser datilografados ou em letra de imprensa).

1. Nome completo AMERICO LOURENÇO JACOBINA LACOMBE
2. Nacionalidade Brasileiro 3. Categoria Efetivo (titular)
4. Residência Rua 19 de Fevereiro, 105.
5. Bairro Botafogo. 6. Telefone 26-7914
7. Profissão Professor e func-publico 8. Cargo que ocupa
9. Local de trabalho Casa de Rui Barbosa -Rua S.Clemente, 134.
10. Telefones 26-2548. 11. Local de cobrança
12. Atividades em que deseja colaborar ou por que se interessa:

Conferências ☐	Rádio-cinema ☐	Educação primária ☐
Cursos ☐	Reuniões sociais ☐	Educação profissional ☐
Revista ☐	Educação-adultos ☐	Educação secundária ☐
Biblioteca ☐	Educação artística ☐	Educação superior ☐
	Educação física ☐	

(Assinatura do sócio proposto)

13. Sócio proponente Mario P. de Brito
(nome)
Mario P. de Brito
(assinatura)

Aprovado pela Comissão de Admissão de Sócios em 9/12/48
D Venancio
Armanda Alvaro Alberto

Aprovado em sessão da Diretoria em 9/12/48
Mario P. de Brito
(Presidente)

Intitular este momento do trabalho de “Escolas Experimentais – iguais e diferentes” não é simplesmente a busca por um título que chame atenção do leitor. Como outros títulos, este é uma síntese do que o movimento da pesquisa foi nos revelando aos poucos e aos pedaços: as “escolas experimentais” não foram escolhidas por serem “difíceis”, não tinham o mesmo método pedagógico, não podem ser tratadas e discutidas como homogêneas no papel que exerceram dentro do projeto educativo anisiano.

Voltemos a que construiu para si, seu grupo de profissionais e alunos a representação mais forte do “sucesso” das Escolas Platoon: a emblemática Escola Argentina. Existia desde os anos de 1920, na administração de Antonio Carneiro Leão, quando teve inicio uma série de homenagens aos países da América Latina – conhecido como Pan-americanismo, que soube nas décadas seguintes aproveitar esse “clima” produzindo sua visibilidade social e política.

Na administração de Fernando Azevedo foi colocada em acomodações próprias e em dezembro de 1929 muda-se para um prédio em estilo colonial (muito semelhante a Escola Estados Unidos) na Rua 24 de maio, no Engenho Novo. O prédio passou a abrigar, após a transferência da escola Argentina para Vila Isabel, e assim está até hoje a Escola Municipal Sarmiento.

Transferida para um novo prédio de arquitetura moderna e arrojada, em 1932 torna-se a terceira escola experimental, sob a direção da professora Joaquina Alves Teixeira Daltro, representando o sentido máximo que Anísio desejava implantar nas escolas da cidade, era composta de 25 salas, de biblioteca, anfiteatro, ginásio, laboratório, etc.

> Foi predominantemente com o tipo Platoon de 25 classes – considerado o mais completo, com todas as instalações adequadas ao perfeito funcionamento desse sistema – que a arquitetura das escolas construídas na administração Anísio Teixeira assumiu sua marca característica que, segundo Chaves (2000), “expressava o próprio sentido da educação que Anísio desejava implantar nas escolas da cidade”. (Dórea, 2002, p.7/8)

Fig. 19 – Escola Argentina – Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro

O incentivo à participação era estimulado pela criação dos mais diferentes dispositivos escolares: Pelotão da Saúde, Caixa-Escolar, Círculo de Pais e Mestres, Clube Pan-americano, entre outros. A escola contava também com aproximações estreitas com o Rotary Clube, Clube Argentino e junto a Embaixada da Argentina.

Fig. 20 – Escola Argentina - Acervo do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Chaves[36] (2005):

> As instituições escolares (Clube Literário, Clube da Saúde, Caixa escolar, Cooperativa de Consumo, Gabinete Dentário, etc.) também são um ponto importante na formulação da educação integral que se queria criar na escola. A maioria delas, sob a responsabilidade dos próprios alunos, tinha como objetivo desenvolver-lhes a iniciativa, o espírito participativo e "prepará-los para a vida em sociedade". Ainda proporcionariam "a aprendizagem de coisas necessárias" e habituariam as crianças ao "culto ao Bem". (p.9)

Fig. 21 – Grupo de crianças da Escola Argentina apresentando-se no anfiteatro da escola. Observemos os trajes e os gestos de elegância de sua apresentação. Acervo Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro.

Nunes (1993) considera que essa nova arquitetura produz – concordamos com a autora – maneiras outras de reapropriação do espaço onde relações de sociabilidade

eram produzidas. Novas subjetividades produzidas e que devem se tornar em *habitus* de viver, para todos que freqüentavam essa escola.

A escola Argentina ficou como escola "modelo" do período anisiano, mas a diretora que assume esse lugar modelar é a Profa. Juracy Silveira, diretora da escola México. Dentre todos os entusiastas das transformações que se tornavam materialidade, deixa registrada sua crença no projeto anisiano na efetivação de avanços significativos, de maneira confiante:

> Pode-se dizer que o sistema Platoon, serve de base para a construção desse método integral de ensino. [...] É o regime que mais riqueza oferece para os estudos e funcionamento das instituições escolares. A própria construção possuindo ginásio, campos de jogos, auditório, biblioteca concorre eficientemente para as práticas das atividades. (SILVEIRA, 1937, p. 17)

Porém, não é tarefa fácil modificar um sistema de crenças, encarada esta mudança como um efeito para a sociedade como um todo, ou, pelo menos, na sua maioria.

Como nos faz pensar Guattari ao falar em mudanças macropolíticas, essas não serão consolidadas, não ganharão consistência e permanência, capazes de impedir o retorno das formas do passado, se as mudanças não ocorrerem no campo micropolítico.

Tenhamos atenção aos comentários feitos por algumas professoras em matéria publicada no Diário de Notícias, denominada "Percorrendo as escolas do Distrito Federal', na coluna "Página da Educação". Em 9 de novembro de 1932, os leitores do jornal encontram as argumentações feitas pelas professoras, a respeito do sistema "Platoon" (Waidenfeld, 2000).

- Que lhe parece o ensino especializado?

Há um momento de hesitação, antes da resposta. Depois as três professoras que conversam conosco vão esclarecendo os seus pontos de vista.

- As classes vão se tornando mais instrutivas e menos educativas – diz uma

E esclarece:

- A professora que se especializa em determinada matéria passa a tratá-la isoladamente, desarticulando-a do programa. Se é uma boa professora, desenvolve-a, atrai os alunos, oferece-lhes uma grande porção de conhecimento... freqüentemente se verificam contradições, desacordos de ponto de vista, desarmonias...E a educação fica prejudicada.

- Não há unidade, uma centralização.

- Justamente. Cada uma dá sua aula, e acabou-se: deu a sua aula. Enquanto a professora que ministra todas as disciplinas sabe controlá-las, avançando numa detendo-se noutra, e equilibrando-as todas de acordo com o sentido dominante, que é o seu critério educativo.

- Podemos, então, escrever que desaprovam a especialização?

- Não, responde-nos uma das três professoras.

Dórea (2002) tem seu objeto de pesquisa voltado para dentro do projeto inaciano e afirma que a arquitetura cumpre função educativa. Recuperando o depoimento de professoras da Escola General Trompowky, na perspectiva de avaliar o papel da arquitetura escolar junto às crianças e como essas se viam e pensavam as novas instalações, nos mostra, ao mudarmos o prisma de análise, o desconforto que essa arquitetura moderna, arejada, iluminada, enfim, higiênica produzia em muitas crianças de lares despossuídos de comodidades como as encontradas nas escolas.

> Casa de habitação coletiva, um casal paupérrimo a quem tudo falta, até o indispensável: miséria absoluta, cria-se o filho nesse ambiente. Chega a idade escolar matriculam-no no colégio mais próximo: é uma das escolas modernas, prédio recém-inaugurado, com todo conforto, ótimas instalações, salas enfeitadas, muitas flores, quadros pelas paredes, material todo novo e adequado; em tudo há o requinte do modernismo e conforto. A criança que veio do lar miserável sente-se deslumbrada, a escola a atrai, e maior se torna o seu prazer em freqüentá-la, porque tudo dela recebe: merenda, uniforme, agasalho, remédios, trata dos dentes, tem diversões, cinema, passeios, enfim tudo lhe sorri! Que diferente é a sua vida em casa!...(Faria & Uzêda, 1935, In Doréa, 2002)

A primeira Clínica Ortofrênica para o Pré-escolar havia começado a funcionar há pouco tempo na Escola General Trompowisky (RAMOS, 1939, p.7) quando o Serviço acabou. Havia grande expectativa de Arthur Ramos no trabalho com o pré-escolar, a maior aproximação com as famílias, destacando o lugar da mãe a quem esperava que o Serviço "orientasse" desde o período pré-natal.

Como acreditar no alcance dos gestos intencionais na produção de "novas e salutares" relações nas famílias, destas com a escola e da escola com seu entorno, genericamente e nebulosamente chamado de "comunidade", se a direção de agir de dentro para fora do espaço escolar era interrogada pelas professoras da escola pela

justificativa, não de todo desprovida de sentido, da pobreza encontrada nas casas das crianças?

Em 1952, a mesma Profa. Juracy Silveira ocupava o cargo de Diretora do Ensino Primário da Prefeitura e concedeu uma rápida entrevista que foi publicada em "O Mundo", em 2 de abril daquele ano, numa série ironicamente chamada " O Problema dos nossos filhos". Dessa entrevista recuperamos a resposta da professora que, de certa foram enunciam que os problemas da rede escolar de 1930 não haviam mudado muito vinte anos depois e que as ideias vividas por ela na década de 30 do século XX ainda podiam ser vislumbradas em suas palavras.

> Não descansarei - continuou com o entusiasmo que é uma das características de sua personalidade - enquanto no Distrito Federal houver uma criança precisando de escola. Mas escolas não bastam se não oferecerem condições de higiene e conforto que facilitem o desenvolvimento mental, físico e psicológico da criança. Além disso, devem possuir um equipamento que permita à criança a realização de suas experiências, como instrumento único de sua formação. O prefeito João Carlos Vital, compreendendo o alcance desse objetivo, determinou, desde o inicio de sua gestão, um plano de construções escolares sujeito a todos esses requisitos, e recomendou, em ritmo acelerado, os concertos inadiáveis dos prédios escolares já existentes e a pintura em cores do seu mobiliário. Essa medida era indispensável, pois algumas escolas há mais de vinte anos não sofrem reparos de nenhuma espécie e alguns bairros praticamente não possuem escolas, como Madureira, por exemplo, visto que a existente lá, a "João Pinheiro", está em ruínas. Obedecendo a esse novo plano, já conseguimos 13 novas escolas, que integram o sistema escolar, num total de 268. Creio que dentro de algum tempo possuiremos escolas em número suficiente para satisfazer as necessidades de todas as crianças cariocas (Silveira, 1952, O mundo)

Anísio Teixeira (1994) delegava um papel tão central a escola que chega a afirmar:

> [...] a escola já não poderia ser a escola dominantemente de instrução de antigamente, mas fazer as vezes das mães, da família, da classe social e por fim da escola propriamente dita, oferecendo à criança oportunidades completas de vida compreendendo atividades de estudos, de trabalho, de vida social e de recreação e jogos. Para essa escola, precisava-se, assim, de um novo currículo, um novo programa e um novo professor (p.162)

Arthur Ramos tinha o firme propósito de que o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, junto às "escolas experimentais", através do "toque da ciência" tornaria possível esse projeto. Esqueceu como e quanto pode o entusiasmo cegar, e não bastar ter o melhor projeto se este não é incorporado "no chão da escola". Também não dimensionou que *"se a centralidade colocada nos desajustes do meio social substituiria a questão racial (e da "anormalidade"), novas ambigüidades e preconceitos em torno da pobreza passariam a rondar as visões sobre "as crianças problemas". (Abreu, p.8. WWW. scielo.br)*

NOTAS

[1] Muitos deles são oriundos da Faculdade de Medicina da Bahia, ocupando cargos importantes naquela instituição, com seus nomes reconhecidos nos meios intelectuais. Destacamos Afrânio Peixoto, Oscar Freire, e da geração posterior Arthur Pereira Ramos de Araújo. Anísio Spindola Teixeira, já havia passado (como outros) pela administração de seu Estado de origem (no caso a Bahia).

[2] Civilizar seria de certa forma a inauguração e planejamento de formas de reeducação dos seus habitantes ao mesmo tempo em que se moldavam enquanto profissionais, traçando uma área própria de atuação. Nunes, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca, In:HERSCHANN, Micael; KROPF, Simone e NUNES, Clarice. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores* no RJ- 1870-1937. RJ: Diadorim, 1996. p. 155/156.

[3] Título do livro organizado por Cléia Schiavo Weyrauch, Guilherme Cunha Lima, Héris Arnt; Ed. Terceiro Tempo, RJ, 2003.

[4] O nome do Sr. Fernando Azevedo também passava por rejeições, ainda que não explícitas. Na Ata da 215ª sessão ordinária do Conselho Diretor da ABE, realizada em 18 de janeiro de 1932, à Av. Rio Branco, 52 – 2º andar, a Sra. Armanda Álvaro Alberto "declara que pretendia entregar ao Sr. Presidente uma moção, assinada por vários consórcios, na qual pedia a inclusão do nome do Dr. Fernando Azevedo na comissão encarregada de elaborar o parecer preliminar sobre o tema geral da 5ª Conferência Nacional de Educação, sendo dissuadida disso pelo Dr. Carneiro Leão, que lhe fez ver a questão mais de molde a se resolver oralmente"(p.169).
O Sr. Presidente (Prof. Anísio Teixeira) diz que , "em verdade, o nome do Dr. Fernando de Azevedo é tão sobejamento conhecido como estudioso dos assuntos educacionais, que a sua indicação para o caso não oferece dúvidas"(169).

[5] Marta Maria Chagas de Carvalho no livro "Molde Nacional e Fôrma Cívica – Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da associação Brasileira de Educação (1924-1931)"- sua tese de doutoramento -, publicada pela Ed. USF, analisa as tensões, aproximações políticas e interesses sociais da ABE nos primeiros anos de sua fundação.

[6] Paschoal Lemme trabalhou com Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, signatário do Manifesto dos Pioneiros é, por vezes, designado como o educador comunista no meio dos liberais. A Profa. Zaia Brandão em sua Tese de Doutorado sobre o educador analisa esse aparente paradoxo em sua trajetória intelectual.

[7] Paschoal Lemme – Memórias de um Educador, produzido pelo INEP, encontra-se disponível na Internet – libv000197.

[8]A 1ª sessão , foi realizada em 22 de outubro de 1924, na sala de professores da Escola Polytechnica., sob a Presidência do Sr. Heitor Lyra da Silva, fazendo parte do Conselho Diretor para nella exercessem a presidência durante o mandato do mesmo Conselho: Lyra da Silva (1º semestre, a terminar em 15 de janeiro), Delgado de Carvalho (2º trimestre), D. Bertha Lutz (3º trimestre) e Levi Carneiro (4º trimestre). Os Srs. Antonio Carneiro Leão e Vicente Licínio Cardoso declinaram das indicações e foram substituídos por D. Branca de Almeida Fialho e o Snr. Carlos Delgado de Carvalho.

[9] Reformas educacionais regionalizadas já vinham ocorrendo em períodos anteriores, pelo Brasil: Sampaio Dória, em 1920, em São Paulo; Lourenço Filho, em 1922/1923, no Ceará; José Augusto, em 1925/28, no Rio Grande do Norte; Carneiro Leão, em 1922/26, no Distrito Federal e 1928, em Pernambuco; Lysímaco da Costa, em 1927/1928, no Paraná; Francisco Campos, em Minas Gerais, em 1927/28; Fernando Azevedo, em 1928, no Distrito Federal; Anísio Teixeira, em 1928, na Bahia.

[10] Médico legista, e intelectual atuante em diversas áreas. Nasceu em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, BA, em 14 de dezembro de 1876. Formou-se em Medicina pela Faculdade de

Medicina da Bahia. Foi político, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário Em 1902, a chamado de Juliano Moreira, mudou-se para o Rio, onde foi inspetor de Saúde Pública (1902) e Diretor do Hospital Nacional de Alienados (1904). Após concurso, foi nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907) e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911); diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916); deputado federal pela Bahia (1924-1930); professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). No magistério, chegou a reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935. Foi membro de uma Comissão Especial responsável pela renovação dos métodos de identificação criminal nomeada por Getúlio Vargas. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Nacional de Medicina Legal, do Instituto de Medicina de Madri e de outras instituições. Eleito em 7 de maio de 1910 para a Cadeira n. 7, na sucessão de Euclides da Cunha, foi recebido em 14 de agosto de 1911, pelo acadêmico Araripe Júnior. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de janeiro de 1947.

[11] Códice 2.612 – I , 36, 5, 2552- Sessão de Manuscritos- Biblioteca Nacional

[12] mss I35-29-1304.jpg

[13] Códice I-36, 16,15(14)- Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

[14] A reestruturação administrativa mencionada foi encaminhada por meio do Decreto 3763 de 1/2/1932 e consolidada através do decreto 4387, de 8/9/1933. Cf. TEIXEIRA, 1997, p. 136 e 148

[15] Para maior aprofundamento da ação do IPE indicamos a Dissertação de Mestrado de Lucia Reis de Almeida "O Instituto de Pesquisas Educacionais nos antigos Distritos Federais e Estado da Guanabara"- Faculdade de Educação, UFRJ, 1993.

[16] Entre trabalhos e depoimentos que recuperam posições tomadas por intelectuais no período, merece destaque, principalmente por adentrar no campo antropológico e sociológico o texto "Antropologia no Brasil. Depoimento sem compromisso de um militante em recesso. IN Anuário antropológico 82. Edições UFC; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, ps.228-250, com o depoimento-testemunho de Luiz Castro Faria.

[17] Os exemplares encontrados no Fundo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional são da segunda edição, datada de 1935. O manuscrito assinado por Ramos é de 1934.

[18] O conceito "carência" deve ser problematizado por estar implicado na formação de modos de pensar a população relacionado a "necessidades" e "faltas" como uma essência dos sujeitos.

[19] Otto Ranck, psiquiatra e psicanalista é citado por Ramos em sua tese de doutorado em 1926.

[20] Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1916. Discípulo e seguidor de Afrânio Coutinho. Foi médico legista da Polícia Civil do Distrito Federal em 1917, membro da Missão Médica que o Brasil enviou à Europa na 1ª Grande Guerra, membro do corpo docente da Faculdade Fluminense de Medicina em 1920, ocupando a cátedra de medicina legal (tese sobre a perícia da dor, publicada com prefácio de Afrânio Coutinho). Depois da revolução de 30, aceita o convite do chefe de polícia do RJ, Batista Luzardo e passa a dirigir o serviço de identificação da Polícia até 1946. Ganha o prêmio Lombroso de 1933, da Real Academia de Medicina da Itália, com estudos sobre impressões digitais, causas endócrinas do homossexualismo masculino e biotipologia dos negros criminosos. Em 1933 torna-se professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito do RJ, com a tese "O direito de curar". Chefiou a Delegação do Brasil ao 10º Congresso Latino-Americano (Buenos Aires, 1938). Autor de uma biografia Afrânio Peixoto (1950).

[21] O título da conferência apresentada foi "O problema da assistência à infância e a criança pré-escolar".

[22] Para a Matemática a aproximação poligonal de contornos é uma representação simplificada da sua essência utilizando o menor número possível de segmentos poligonais. O método realiza inicialmente a modelagem da curva em uma rede regular e a transforma em uma rede complexa "Pequeno- Mundo".

[23] Lourenço Filho havia introduzido os Testes ABC, para separar as crianças "normais"' das "anormais". Sobre os testes ABC e sua permanência até os anos 70 do século XX, remeto ao recente trabalho de Carlos Monarcha "Teste ABC: Origem e Desenvolvimento", publicado no Boletim Academia Paulista de Psicologia, nº 1, 2008, pp:7-17

[24] (ABECD2516.DOC).

[25] O conteúdo do livro havia sido publicado por partes no periódico "Correio da Manhã.

[26] Gilles Deleuze, no livro Conversações, em especial no capítulo "A vida como Obra de Arte", discute a obra e os deslocamentos do pensamento de Michel Foucault.

[27] Códice 3952- 38, 1, 6 – Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional

[28] Códice 3952- 38, 1, 6- Sessão de Manuscritos – Biblioteca Nacional

[29] Códice 3952- 38, 1, 6- Sessão de Manuscritos – Biblioteca Nacional

[30] Esse aspecto crucial do projeto anisiano é analisado por Clarice Nunes em sua Tese de Doutorado "Anísio Teixeira: a Poesia em Ação", editada pela EUSF, em 2000.

[31] A Escola General Trompowski, geralmente não é citada, nos trabalhos que analisam as escolas experimentais. A escola que, hoje, no Município do Rio de Janeiro possui esse nome não é a escola de 1932. A Escola de 1932, chama-se, desde 1962, Escola Infante Don Henrique, situa-se no mesmo local, mas pertence à rede de escolas do Estado do Rio de Janeiro.

[32] Augusto Malta era o fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro e seu acervo encontra-se disponibilizado no Portal Augusto Malta, no site do Arquivo Público da Cidade do Rio de Janeiro.

[34] Códice 3952 – 38,1,6 – Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional

[35] Trabalho adaptado pela autora do Relatório apresentado ao então Secretário Geral do Distrito de Educação e Cultura do Distrito Federal, quando ocupava o cargo de diretora da escola.

[36] Para analisar a experiência da Escola Argentina a Profa. Miriam Waidenfeld Chaves utiliza o arquivo da própria escola, incluindo Revista Escolar da mesma escrita durante o ano de 1932.